



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

THIAGO DOUGLAS SILVA

**REPRESENTAÇÃO DA CULTURA NORDESTINA NA COBERTURA
JORNALÍSTICA DA TV ANHANGUERA - TO: NUMA PERSPECTIVA
FOLKCOMUNICACIONAL**

PALMAS (TO)

2019

THIAGO DOUGLAS SILVA

**REPRESENTAÇÃO DA CULTURA NORDESTINA NA COBERTURA
JORNALÍSTICA DA TV ANHANGUERA - TO: NUMA PERSPECTIVA
FOLKCOMUNICACIONAL**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel, sobre a orientação da Profa. Dra. Verônica Dantas Meneses.

PALMAS (TO)

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586r Silva, Thiago Douglas.
Representação da Cultura Nordestina na Cobertura Jornalística da TV
Anhanguera - TO: Numa Perspectiva Folkcomunicação. / Thiago Douglas
Silva. – Palmas, TO, 2019.

61 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Palmas - Curso de Jornalismo, 2019.

Orientadora : Veronica Dantas Meneses

1. Folkcomunicação. 2. Mídia. 3. Cultura. 4. Nordeste. I. Título

CDD 070

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

THIAGO DOUGLAS SILVA

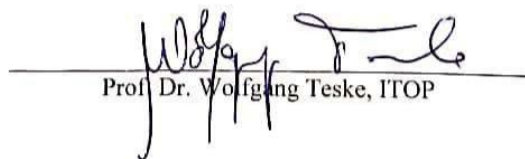
**REPRESENTAÇÃO DA CULTURA NORDESTINA NA COBERTURA
JORNALÍSTICA DA TV ANHANGUERA - TO: NUMA PERSPECTIVA
FOLKCOMUNICACIONAL**

Monografia apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Jornalismo foi avaliado para a obtenção do título de Bacharel e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 11 de Dezembro de 2019
Banca examinadora:


Profª. Dra. Verônica Dantas Meneses, UFT


Prof. Dr. Carlos Fernando Martins Franco, UFT


Prof. Dr. Wolfgang Teske, ITOP

Dedico este trabalho a Deus que sempre tem
olhado por mim e me guiado pelos caminhos
certos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha vó que lutou em vida para que um dia eu conquistasse essa vitória (Em Memória).

Agradeço a minha família em especial, minhas tias Maria Sousa Martins e Gleice Baia Barreto, que sempre me deram apoio para continuar, sem vocês eu não conseguiria cumprir essa etapa da minha vida.

Agradeço a minha orientadora Veronica Dantas que me deu força durante todo esse período de produção, me auxiliando da melhor maneira possível.

Agradeço ao professor Doutor Wolfgang Teske, que ao ministrar a disciplina de Folkcomunicação no ano de 2017, me ajudou a achar uma direção para minha monografia.

A todos os professores de jornalismo da UFT que me ensinaram como ser um profissional dentro da área da comunicação.

Agradeço aos servidores da Universidade que me ajudaram e direcionaram para minha permanência na unidade.

Agradeço a todos os meus amigos que sempre me deram força para continuar essa jornada acadêmica em especial: Francislange Lima, Mariane Andrade, Ingridy Rodrigues, Diana Alves, Victória Milhomem e Monique Lemos.

E por fim agradeço a mim mesmo pois sem minha dedicação jamais teria conseguido chegar até aqui.

SILVA, Thiago Douglas. **Representação da Cultura Nordestina na Cobertura Jornalística em Palmas**. Monografia (Graduação – Curso de Bacharelado de Jornalismo). Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019. 61f.

RESUMO

Essa pesquisa analisou a representatividade da cultura nordestina na cobertura jornalística de Palmas, com o objetivo de identificar as reformulações da cultura nordestina em Palmas e sua contribuição para a construção da identidade Palmense, a última capital planejada do século XX. A partir da análise de duas matérias veiculadas na TV Anhanguera Tocantins, referentes ao dia do nordestino (dos anos de 2018 e 2019), foi feita uma análise comparativa entre as duas reportagens para identificar como a mídia se apropria dessa data cultural. Por meio da teoria da Folkcomunicação pode-se identificar as representações culturais provenientes da figura do nordestino que reside em Palmas, e como ele vem reelaborando sua cultura para manter sua identidade mas ao mesmo tempo integra a nova cultura da capital tocantinense.

Palavras-chave: Folkcomunicação. Mídia. Cultura. Nordeste. Palmas.

SILVA, Thiago Douglas. **Representation of Northeastern Culture in Journalistic Coverage in Palmas**. Monografia (Graduação – Curso de Bacharelado de Jornalismo). Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019. 61f.

ABSTRACT

This research analyzes the representativeness of northeastern culture in Palmas' journalistic coverage, with the aim of identifying the reformulations of northeastern culture in Palmas and its contribution to the construction of palmense identity, the last planned capital of the 20th century. Based on the analysis of two articles published on TV Anhanguera Tocantins, referring to the day of the northeast (of the years 2018 and 2019), a comparative analysis was made between the two reports to identify how the media appropriates this cultural date. Through the theory of Folkcommunication we can identify the cultural representations coming from the figure of the Northeast that resides in Palmas, and how he has been reelaborating his culture to maintain his identity but at the same time integrates the new culture of Palmas.

Keywords: Folkcommunication. Media. Culture. Northeast. Palmas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Portal Iphan: Passista Dançando Frevo.....	24
Figura 2 – Prefeitura de Palmas: Representação de elementos da cultura nordestina (Cangaço).....	30
Figura 3 - A Representação da cultura tocantinense (Capim Dourado).....	31
Figura 4 - Artesanato nordestino na Feira do Bosque.....	34
Figura 5 - Reportagem da TV Anhanguera: Restaurante de comida Nordestina em Palmas.....	42
Figura 6 - Reportagem da TV Anhanguera: Casa do Nordestino.....	43
Figura 7 - Reportagem da TV Anhanguera: Casal de cangaceiros.....	44
Figura 8 - Reportagem da TV Anhanguera: Passagem em Feira Municipal de Palmas.....	46
Figura 9 - Reportagem da TV Anhanguera: Imagem do Nordeste.....	48
Figura 10 - Reportagem da TV Anhanguera: Monumento dos Pioneiros.....	49
Figura 11 - Reportagem da TV Anhanguera: Abraço entre Entrevistada e Repórter.....	51
Figura 12 - Reportagem da TV Anhanguera: Representação da Festividade à São João.....	52
Figura 13 - Reportagem da TV Anhanguera: Cordelista Carnevaldo.....	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação do corpus da análise.....	37
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 FOLKCOMUNICAÇÃO E IDENTIDADE.....	16
3 A CULTURA NORDESTINA E SUAS INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PALMENSE.....	23
4 METODOLOGIA.....	36
5 ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE NORDESTINA NA TV ANANHAGUERA	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

A teoria da Folkcomunicação é a única teoria brasileira da comunicação, ela foi pensada, proposta e defendida por Luiz Beltrão em sua tese de Doutorado no ano de 1967, seu estudo nasceu da observação dos elementos da cultura nordestina brasileira. A teoria valoriza a prática da comunicação popular seja em suas diversas manifestações. A cultura brasileira é rica de elementos, e ao longo de mais de 500 anos vem se ressignificando.

As manifestações populares do Brasil nasceram da miscigenação de elementos culturais de vários países da África e da Europa, podemos citar inúmeros exemplos como as Festas juninas e de Colheitas, as Procissões e Festivais de comidas típicas. Muitas dessas representações culturais ganharam força primeiramente nas regiões periféricas das cidades brasileiras, mas os processos de globalização acabaram por difundir algumas destas manifestações.

Com o passar do tempo a mídia começou a pautar esses discursos antes marginalizados, e, como consequência, houve uma valorização dessas manifestações com apoio governamental e transmissão midiática, havendo assim uma apropriação e reelaboração cultural, favorecendo ambos os lados, governo, mídia e sociedade.

A folkcomunicação, por sua vez, analisa os discursos dessas manifestações folclóricas, o pesquisador se baseia na teoria para explicar a origem desses discursos culturais e como eles são disseminados, fazendo uma análise detalhada do seu contexto. Descentralizando a teoria do discurso popular e a relacionando com a mídia usamos o termo “Folkmídia” que é especificamente como os meios de comunicação de massa se apropriam do discurso da cultura popular, e reproduzindo a massa.

O estudo folkmidiático analisa os elementos das manifestações folkcomunicacionais quando são transmitidas pelos meios de comunicação, sejam eles: impressos, televisivos, radiofônicos, etc. Com essa vertente da teoria, podemos observar como as notícias são desconstruídas, reconstruídas, editadas e apresentadas pela mídia às pessoas.

Esse fato (notícia) é roteirizado, observado, captado, editado e reportado, tudo isso sobre um grau de importância, onde o critério valor notícia é incorporado através da análise deste fato. Partindo desse princípio a mídia transmite a notícia folkcomunicacional como um fato genuinamente importante e de interesse público o que seria realmente.

Com isso podemos dizer que a folkmídia que é folkcomunicação através da mídia que se apropria das manifestações populares, reforçando o valor cultural com um conceito geralmente positivo, abordando o contexto histórico e social. Os meios de comunicação se

adentram nos fatos folclóricos dando notoriedade a essas culturas, e muitas delas atualmente são reconhecidas como patrimônios históricos e nacionais, e fazem parte do calendário local de diversas cidades do Brasil. A área de estudos da folkcomunicação será a teoria de análise da amostragem de conteúdo desse trabalho, relacionando a teoria com a apropriação da TV Anhanguera Tocantins em reportagens referentes ao “Dia do Nordestino”. O trabalho propõe analisar elementos que foram apropriados pela mídia no que se refere a identidade nordestina em suas reportagens referentes a essa data, identificando aspectos culturais (nordestinos) e suas reelaborações de acordo com seus personagens, e também da própria mídia. Assim, pretende-se verificar a influência da mídia na construção de um imaginário da identidade de Palmas advindo da presença dos nordestinos, e de seus elementos culturais populares, no mais novo estado da federação.

Luiz de Andrade Beltrão, o criador da teoria, é um dos mais respeitados estudiosos da comunicação no Brasil, sua tese já repercutiu no mundo todo, especialmente na América Latina. O estudo contempla os processos de comunicação das manifestações culturais populares, sobre uma ótica de análise e significância do que ela representa, ou como é pautada.

Sendo assim, os assuntos abordados na presente monografia pode ser descritos como fatos folkcomunicacionais apropriados pela mídia, se tratando de uma análise específica sobre uma cultura popular, muitas vezes marginalizada, explicando suas relações sociais.

Escolhi esse tema como proposta para análise, pelo fato de pertencer a uma família nordestina. Desde pequeno convivi com a cultura nordestina através dos costumes da minha mãe de criação (Minha avó), era comum sempre tomarmos no café de manhã bolo de milho com coco, cuscuz, beiju, bolo de mandioca, farofa de carne seca, pamonha.

Minha vó era uma nordestina que amava suas origens, ela brigava pelo Maranhão, quando jovem ela quebrava coco de babaçu para sobreviver, morava na zona rural do município de Pio XII. Ela contava que na época não existia televisão na região, o rádio era novidade, fotografia ela nem imaginava o que era, em meados de 1954. Casou-se cedo, assim como as mulheres da região, e aos 16 teve sua primeira filha.

A diversão das pessoas da região rural estava nas confraternizações que existiam como as festas religiosas populares, a minha vó sempre falava de várias. Uma que eu me recordo bem é a Folia de Reis, que juntava as pessoas das comunidades ao redor, a fim de celebrar os três reis magos que presentearam Cristo em seu nascimento com: Ouro, incenso e mirra. No final todos ceavam em comemoração à fé e a união.

As lendas é outra lembrança que tenho sobre a cultura popular nordestina, o lobisomem por exemplo era o terror que amedrontava os moradores da região rural, nos dias de lua cheia. A vó falava que o meu tio-avô via o caipora, e sempre deixava um cigarro para ele.

Sem dúvidas, tenho ótimas recordações da minha vó, sempre respondo prestativa, atenciosa e sábia. Quando me perguntam de onde eu sou eu sempre falo que sou uma mistura de dois povos, o nordestino por parte de família e tocantinense, terra em que eu nasci e amo de coração.

Outro fator que foi de grande importância para minha escolha de tema foi por verificar que existe uma relação cultural entre a minha cidade natal “Palmas” com a região do Nordeste brasileiro, que aconteceu devido a migração, influenciando visivelmente a cultura da capital, por esse motivo optei por analisar como a cultura nordestina é retratada nas matérias referentes ao Dia do Nordeste.

O tema da presente proposta de reflexão teórica é mostrar a apropriação da mídia ao representar a cultura nordestina em Palmas na cobertura jornalística local, e isso foi feito a partir da verificação de matérias jornalísticas publicadas no portal digital da TV Anhanguera Tocantins nos dias 08 de outubro de 2018 e 2019. O objetivo geral deste trabalho foi analisar como acontece a representação da Cultura Nordestina nas reportagens referentes ao Dia do Nordeste. Os objetivos específicos foram compreender a apropriação feita pelo Jornalismo da TV Anhanguera TO, sobre os elementos da cultura nordestina e sua reelaboração, e também como essa cultura está relacionada a à identidade de Palmas no contexto da reportagem, identificar quais os elementos culturais nordestinos e como foram representados pela mídia nas matérias.

Assim, para compreender bem o tema e melhor pesquisar os objetivos propostos neste trabalho, a monografia está dividida em três capítulos, além da introdução, da metodologia e das considerações finais. O capítulo “Folkcomunicação e Identidade” explica a importância da teoria e como ela pode contribuir para a análise da comunicação socialmente marginalizada, abordando também seu reconhecimento, e porque os estudos fazem se importantes no campo do jornalismo, evidenciando as pesquisas folkcomunicacionais e sua validação no campo acadêmico jornalístico.

No capítulo “A Cultura Nordestina e suas Influências na Construção da Identidade Palmense” é abordada a cultura nordestina e algumas de suas características popularmente conhecidas, e como a esses aspectos culturais vem contribuindo para a construção de uma identidade cultural de Palmas, apresentando elementos que identificam a reelaboração cultural nas manifestações populares da capital.

No capítulo “Análise da representatividade nordestina na TV Anhanguera” é categorizada a representação cultural do dia do nordestino sobre três critérios: Cultura Nordestina, Reelaboração Cultural de Palmas e Cultura de Palmas, essas categorias são exemplificadas ao decorrer da análise da reportagem.

2 FOLKCOMUNICAÇÃO E IDENTIDADE

A teoria da Folkcomunicação foi criada pelo Jornalista Pernambucano Luiz Beltrão de Andrade Lima, no ano de 1967. Beltrão apresentou e defendeu sua teoria como tese de seu doutorado na Faculdade de comunicação da Universidade de Brasília, o título do seu trabalho era: *“Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios dos populares de informação de fatos e expressão de idéias”*. Woitowicz (2018, p. 21) explica que a tese de Luiz Beltrão (1967) só teve sua publicação na íntegra no ano de 2001:

Essa tese doutoral representa em sua biografia, uma espécie de odisseia envolvendo uma série de complicações, peripécias ou ocorrências singulares, variadas e inesperadas e só foi publicada na íntegra em 2001, por iniciativa do professor doutor Antonio Carlos Hohlfeldt da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), através da coleção *Comunicação*, pela Editora da PUC-RS (Porto Alegre/RS), com o título original *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. A iniciativa do professor Hohlfeldt fortaleceu o resgate acadêmico de Luiz Beltrão, pois ele não somente patrocinou a publicação em livro da histórica obra Beltraniana, como também avalizou a contribuição de Beltrão para a pesquisa comunicacional, escrevendo ensaios temáticos e apreciações críticas.

A folkcomunicação é uma disciplina científica da comunicação, que vem da junção de duas palavras Folclore e comunicação, a pesquisa tem como objetivo a análise da comunicação popular marginalizada e o folclore na difusão de meios de comunicação de massa.

A teoria traz uma ótica de análise de manifestações menos visualizados, sendo uma pesquisa mais profunda das crenças e costumes. O Jornalista foi o primeiro doutor em comunicação social do Brasil, porém só pode ser outorgado 14 anos mais tarde, pois nessa época o regime militar governava o país, porém a pesquisador não se limitou e lançou em 1971 sua tese com o título “Comunicação e Folclore” (HOHLFELDT; GOBBI, 2007, p. 16 Apud Teske p. 8), ela trazia questões sobre a folkcomunicação. Esses estudos foram também uma maneira de Luiz Beltrão, expor ao jornalismo à importância de um estudo teórico para a comunicação dando foco a questões populares e a importância do seu simbolismo.

Os pensamentos de Luiz Beltrão se expandiram pelo território nacional, tendo como consequência uma série de pesquisas em torno das manifestações culturais. As pesquisas folkcomunicacionais são feitas a partir de elementos tradicionais, urbanos e rurais. Com o passar do tempo à classe menos favorecida, passou a ser atingida diretamente pela globalização

e seu processo midiático, provocando alteração na imagem folclórica anteriormente representada, exemplo disso são as antigas roupas rasgadas e remendadas das quadrilhas juninas, que hoje passaram a ser deslumbrantes, ternos e vestidos brilhantes e coloridos, a dança recebeu uma nova coreografia e passou a ser apresentada como um teatro na forma de competição, no qual vários outros grupos disputam pela melhor apresentação.

Atualmente é quase impossível uma pessoa não ter acesso à internet, televisão, celular ou rádio. Sendo assim muitas vezes a cultura é ressignificada nos padrões dessa mudanças sociais. Anteriormente pensava-se que a cultura popular iria desaparecer com o passar do tempo em meio à comunicação massiva, porém tal fato não aconteceu, pois, essas manifestações também foram influenciadas pelo novo modelo de comunicação social, esse modelo nada mais é do que a forma rápida como as notícias se disseminam, um fato é propagado de forma quase que instantânea.

A mídia influenciou a cultura, mas a mídia também sofreu influência das redes sociais de comunicação (facebook, twitter, instagram, Whatsapp, etc). Esses meios de comunicação também são uma forma de noticiar e opinar, tornando assim a população em geral mais participante e ativa em relação aos discursos sociais.

Os estudos como a folkcomunicação, também foram de grande importância para a permanência dessas manifestações, a pesquisa na área vem ganhando força no Brasil e no mundo. No campo de estudo da comunicação a folkcomunicação destina atenção para as pesquisas sobre cultura popular, ela é a única teoria brasileira da comunicação que tem como objeto de estudo o processo comunicacional por intermédio de artifícios populares e do folclore, ou seja, a tradição popular como expressão e visibilidade de grupos marginalizados e as interfaces entre a cultura popular e a mídia.

A teoria de Luiz Beltrão tem como referência o folclore e as manifestações populares é portanto, um campo que traduz o conhecimento das classes subalternas, incorporando as suas relações sociais. Com base neste aspecto, a folkcomunicação valoriza os diferentes modos de expressão através dos quais os grupos sociais marginalizados se relacionam e produzem a cultura, em meio às relações entre a comunicação de massa e a comunicação popular. Natal, Carvalho e Woitowicz (2001, p. 2-3) designam folkcomunicação como:

A noção de cultura desenvolvida por Beltrão (1980) tem como referência o folclore e as manifestações populares, que são vistas como algo dinâmico. A cultura popular é, portanto, um campo que traduz o conhecimento das classes subalternas, incorporando as dinâmicas da vida social. Com base neste aspecto, a folkcomunicação valoriza os diferentes modos através dos quais os grupos sociais se relacionam e produzem a cultura, em meio às relações entre a comunicação de massa e a comunicação popular.

A Teoria da Folkcomunicação tem relação direta com o Jornalismo Cultural e por isso ampliam um diálogo reflexivo Folkcomunicação e Mídia, a partir de análises da comunicação folclórica. Woitowicz (2017, p. 3) explica sobre a ressignificação da mídia sobre os fatos culturais:

Para discutir a presença da cultura no jornalismo, sob a luz da abordagem teórica da folkcomunicação, torna-se pertinente considerar o caráter dinâmico das interações culturais. Entende-se que há processos simultâneos que articulam a cultura tradicional e elementos da cultura popular, que são registrados e (re)significados pelo jornalismo. A mídia, neste sentido, é entendida como um espaço onde convivem, em diferentes níveis, diferentes fluxos de comunicação, que se deslocam entre o popular e o massivo, o informal e institucional, entre outras variações que reconfiguram cotidianamente as dinâmicas culturais.

A mídia molda o discurso popular tecendo um novo discurso por meio de critérios editoriais, quase sempre enaltecendo a notícia. Dando valor a comunicação popular. É comum no telejornalismo brasileiro, notícias sobre cultura, porém as mesmas veem quase sempre em formato de descritivo, como uma crônica, onde o repórter fala como um consumidor da manifestação.

Podemos dizer que esse tipo de jornalismo se utiliza da folkcomunicação, por mais que seja lembrado como editoria de jornalismo cultural. Pois o estudo folkcomunicacional se reporta ao ambiente de maneira que o pesquisador observe o processo de disseminação do grupo ou indivíduo, interpretando e relacionando as com fatos anteriores ou posteriores a ela.

No Brasil, a teoria pode ser aplicada de Norte a Sul, o país é rico culturalmente, e sofreu diversas influências ao longo desses mais de 500 anos. A cultura Brasileira vem passando por mudanças contínuas incorporando novas tendências que se expandem pelos meios sociais de comunicação, o carnaval carioca por exemplo, apresenta no sambódromo todos os anos temas diversos que repercutiram no país, como a política, intolerância religiosa e de gênero.

Segundo Barreto (2005 p. 85 *apud* MENESES; RIBEIRO, 2015 p. 120), uma reelaboração é necessária para que o produto cultural continue existindo. “Sobrevivência e renovação são leis próprias das memórias aplicadas aos fatos folclóricos que englobam, em suas vigências, todo o fazer e todo o saber de um povo”.

“A invenção da cultura pela hibridização é um fenômeno de apropriação de traços culturais de várias procedências” (BENJAMIM, 2004, p. 21). Ou seja, podemos dizer que a cultura como produto cultural existe graças a um processo que fundiu vários elementos e fatos da comunicação, e incorporando também elementos da sua região como de outras, gerando assim uma nova cultura que será apresentada como patrimônio local e nacional (uma cultura híbrida).

Messina; Duque; Kaz; Braga; Mendes (2007, p. 25) comentam a importância de Beltrão como teórico da folkcomunicação:

Os estudos sobre a Folkcomunicação foram um dos principais legados de Luiz Beltrão em sua batalha para conscientizar os estudantes de Jornalismo quanto à comunicação coletiva e a seus múltiplos desdobramentos. A atualidade da pesquisa desse pioneiro tem despertado o interesse de diversos grupos, não só no Brasil, mas também na América Latina e em países europeus.

No Brasil, os estudos na área de Folkcomunicação têm sido ampliados nos últimos anos. Os anais das Conferências Brasileiras organizadas pela principal rede de estudos sobre o tema, a Rede Folkcom criada em 1998, têm apresentado nas últimas edições do evento realizadas em 2017, em Recife, Pernambuco, e 2018, em Parintins, Amazonas, artigos que apresentam amplo diálogo sobre a área. De acordo com Natal; Carvalho; Woitowicz (2015, p. 3):

A folkcomunicação, ao se basear na cultura e na comunicação popular, permite aprofundar o debate sobre jornalismo cultural e cultura popular, possibilitando reflexões centradas na relação entre a comunicação de massa e as manifestações que configuram a identidade dos grupos e comunidades. A interface proposta entre a folkcomunicação e o jornalismo cultural sustenta-se, portanto, na investigação sobre o modo como o jornalismo abre (ou não) espaços para a expressão e a visibilidade da diversidade cultural, em meios às estratégias do mercado de consumo midiático.

A Folkcomunicação é o estudo da forma que a comunicação acontece dentro das manifestações populares, sejam elas dança, música, desenhos, escrita, religião, representação oral, ou gestual de imagem, apresentando a forma como esses indivíduos se expressam publicamente.

Contemplando com perfeição as manifestações populares brasileiras, dando visibilidade à vasta cultura nacional que é fruto da mistura das mais diversas culturas do mundo, o país foi colônia de Portugal, que introduziu a elementos tradicionais europeus junto a outros países que chegaram mais tarde, a exemplo a Espanha, Holanda e Itália.

A cultura Africana também foi de grande contribuição para a identidade cultural do Brasil, um exemplo de manifestação brasileira que já foi apresentada pela folkcomunicação e tem forte influência dos povos africanos é a capoeira, que surgiu no período colonial, e se tratava de um modo de defesa na época da escravidão dos negros no Brasil, o jogo é inspirado nos movimentos de animais como coices, saltos e botes eram disfarçados de dança que era praticada nos terreiros e nas senzalas.

Nesse contexto, os escravos recriavam o seu universo cultural, cultivavam seu misticismo, alegravam-se e preparavam-se para a luta. Esse jeito de lutar dissimulado, camuflado em movimentos leves, suaves e executados com plástica de um bailarino, passaram despercebidos pelos feitores e capatazes, que não reprimiam os encontros

festivos e místicos realizados no terreiro das senzalas. Genericamente, chamavam aqueles encontros de “brincadeira de Angola”, “jogo de Angola”, “brincadeira” ou “vadiação”, não compreendiam as músicas africanas e não acreditavam que aquela dança pudesse trazer, no seu conjunto, poderosos golpes desequilibrastes (ARRUDA; GUSHIKEN; 2015, p. 112).

Ao relacionar folkcomunicação ao jornalismo cultural, há um aprofundamento que possibilita reflexões centradas na comunicação de massa e nas manifestações identitárias de grupos ou comunidades.

Trigueiro (2005) trata da espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos aplicando o conceito dos estudos folkcomunicacionais na cultura popular, e mostra como os meios de comunicação se apropriam dessa cultura na formação de uma identidade nacional que é considerada como marginalizada, porém, um fruto de lucro.

Atualmente, temos uma mediação midiática fortemente influenciada pela televisão que se apropria das manifestações das culturas populares para os seus mais diversos interesses, Trigueiro (2004, p. 7) diz que [...] a televisão tem atuado junto à cultura mostrando as mudanças nas produções e circulações das diversidades culturais. Em outro trabalho, o autor também explica:

Sempre houve uma mediação entre a produção cultural popular e as classes hegemônicas. Por outro lado, mudaram as negociações, os interesses, as formas, a velocidade do tempo e a dimensão de alcance desses bens culturais nos nossos dias. Atualmente, temos uma mediação midiática fortemente influenciada pela televisão que se apropria das manifestações das culturas populares para os seus mais diversos interesses. (TRIGUEIRO, 2005, p. 3)

A Região Nordeste é para muitos o berço da influência cultural do Brasil, grande parte dessa cultura serviu de inspiração cultural das demais regiões do país, principalmente a Norte, onde é possível perceber vários traços de apropriação que vão do Boi Bumbá, que se tornou no Amazonas um festival conhecido internacionalmente e que tem o Caprichoso e o Garantido como os dois bois oficiais do evento, às simples Quadrilhas Juninas que viraram um espetáculo de glamour em todo o país, ou mesmo, no âmbito culinário, o beiju, que ganhou vários temperos e se popularizou como a tapioca vendida em barraquinhas ou refinados bistrôs. Giddens (1990, p. 31) explica que a tradição não é estática e muda a cada geração:

A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa.

Analisar a cultura Nordestina sobre a luz da folkcomunicação é se aprofundar no imaginário de um povo de forma mais próxima possível. A folkcomunicação como teoria de estudo se fundamenta na análise da tradição popular marginalizada fazendo assim uma ponte entre objeto e público.

Ao observar assuntos relacionados a cultura palmense e nordestina retratadas pela mídia, local é notório que o repórter participa ativamente da construção desse imaginário popular, assim aplicando a teoria da folkcomunicação para disseminar ideias, isso é feito por meio de observação, entrevista, e pesquisa sobre os aspectos culturais determinantes da cultura reportada.

A Folkcomunicação absorve o fato cultural e o interpreta, dando a significância, a teoria tem mais de 50 anos, e é um importante meio de valorizar o indivíduo, o grupo social ou a sua representação, seja por meio de artigos, livros, vídeos documentários ou reportagens. Ao longo desses anos a teoria foi expandida pelo mundo, vários materiais sobre culturas desconhecidas por muitos foram apresentados graças aos estudos da folkcomunicação.

Podemos citar como exemplo o livro do pesquisador e professor Doutorado em ciências do ambiente focado na linha de pesquisa em natureza, cultura e sociedade, Wolfgang Teske (2009), que trata de um relato sobre a dança em adoração e agradecimento a São Gonçalo, que acontece na comunidade Quilombola Lagoa da Pedra que fica próxima ao município de Arraias, região sudeste do Tocantins.

Após o lançamento do livro sobre a comunidade ela teve um maior reconhecimento, tendo registros escritos fotografados e de vídeo, resultando também em um documentário, cartões postais e em um quebra cabeça com a imagem em tamanho grande da festa da Roda de São Gonçalo. A folkcomunicação nesse caso em específico foi um fator de reconhecimento e mudança para os moradores da região quilombola, que passaram a ter mais visibilidade social.

A teoria vem transformando a sociedade e também se transformando junto a ela. A globalização modifica os aspectos sociais e culturais e também a maneira como a folkcomunicação percebe o contexto que engloba a manifestação folclórica.

A cultura estudada pela Teoria da Folkcomunicação sofre influências sociais, pelos mais diversos motivos, seja interesse político, (No qual essa manifestação pode ter apoio de verba seja municipal, estadual ou federal, afim da promoção dos candidatos que a patrocinam) midiático (levando em consideração o editorial dos meios de comunicação de massa que moldam o fato de maneira que ele esteja conforme o valor notícia da instituição) ou dos próprios manifestantes, (nesse caso os participantes dessa cultura acrescentam novas informações como

mostramos mais acima no caso do carnaval carioca. Geralmente esses elementos fazem relação como temas de grande importância social).

3 A CULTURA NORDESTINA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PALMENSE

A cultura Nordestina brasileira nasceu da mistura de várias identidades dentre elas a portuguesa e de países do continente africano, o que resultou em uma reelaboração cultural que também incorporou elementos regionais genuinamente nordestinos como a Literatura de Cordel, que tem sua origem na Europa, de acordo com Grillo (2013, p. 1) o cordel brasileiro foi reelaborado sofrendo influências culturais nacionais:

Este tipo de literatura chega ao Brasil juntamente com a colonização portuguesa, mas se transforma rapidamente, passando a estabelecer uma existência autônoma. As primeiras histórias de reis, rainhas e heróis, dão lugar à criação de novas imagens, de novas histórias, novas narrativas. Com efeito, os contos europeus adquirem novos matizes ao chegar ao Brasil, misturando-se com outros contos de origem africana e indígena (GRILLO, 2013, p.1).

O cordel é popularmente relacionado a cultura nordestina, essa cultura possui vários elementos tradicionais que foram construídos no decorrer do tempo e são resultados da introdução de outras culturas na região brasileira, hoje a representação cultural da região é destacada em vários aspectos da escrita, música, literatura, culinária etc, essas categorias geralmente descrevem a vivência do povo dessa região. O Nordeste tem uma grande riqueza cultural, turística, histórica, religiosa, e de múltiplas tradições. A sua formação cultural é uma mistura de três etnias: Indígena, Europeia e Africana, essas três etnias foram as precursoras da cultura regional.

As diversidades folclóricas diferem-se nas cidades do Nordeste Brasileiro, cada local incrementou suas peculiaridades, marcadas pelo contexto histórico e econômico, como por exemplo o “Frevo”, elemento cultural popular que compõe o carnaval tradicional de Pernambuco.

Figura 1 – Portal Iphan: Passista dançando Frevo



Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/62>

A imagem acima em preto e branco representa uma época do que viria a ser uma das mais coloridas manifestações nordestinas.

De acordo Lelis (2016) em seu livro Edição do Dossiê Interpretativo do Iphan, ele explica que essa festividade nasceu no final do século XIX, e a princípio estava relacionada ao contexto sociocultural e político vivido nas ruas de Recife. Com a abolição da escravatura, os populares tinham maior participação nas festividades carnavalescas e passam a ocupar os espaços públicos. Esses populares foram os responsáveis pela notoriedade dessa manifestação, que possui elementos da capoeira e dos carnavais de rua do final do século XIX.

Outro exemplo muito conhecido de patrimônio cultural do Nordeste são as Quadrilhas Juninas, que se popularizaram no Brasil, a festa acontecia nos pequenos arraiais de cidades da região. As quadrilhas foram trazidas pelos portugueses para o país no período colonial, nessa época a dança tinha grande influência da cultura portuguesa, assim como a Francesa, onde ela se originou.

A “quadrille” surgiu em Paris, no século XVIII, como uma dança de salão composta por quatro casais. Era dançada pela elite europeia e veio para o Brasil durante o período da Regência (por volta de 1830), onde era febre no ambiente aristocrático (RAMOS, 2013).

Os nobres franceses começaram a dança no século XVII, no início ela era executada em pares de quatro pessoas, por isso tem o nome de “*Quadrille*” (*Quadrilha em Português*). Zamith (2007, p. 119) relata em seus estudos sobre a essa manifestação, especificamente no capítulo “Delineando a coreografia e a música da quadrilha” que a dança era comum:

Nos salões parisienses elas eram conhecidas como *contredanses* no final do século 17, convertendo-se em baile da sociedade. Por volta de 1755 as contradanças, enriquecidas com novas coreografias, eram muito populares nas cortes européias, presença obrigatória nas grandes festas e nos casamentos, apenas suplantadas pelo minueto.

Anos mais tarde a Quadrilha chegou e se popularizar no Brasil, a manifestação ganhou um aspecto rural tanto na dança, quanto nas vestimentas e na música, tendo contribuído ainda para popularizar ritmos nordestinos como o Baião, Xote, Xaxado e Forró. A festividade acontece no país no mês de junho, e passou a ser relacionada também a religiosidade católica brasileira, no mês são homenageados três santos: Santo Antônio no dia 13, São João Batista no dia 24 e São Pedro no dia 29. É comum as igrejas católicas brasileiras fazerem comemoração a festividade, com dança, música e quermesse.

Tendo ganhado todo o Brasil, as quadrilhas em sua reelaboração nacional (Quadrilha Junina Brasileira) têm suas raízes na cultura nordestina, mesmo que estejam organizadas na maioria dos estados brasileiros. No caso das Quadrilhas palmenses, por exemplo, sempre é lembrado o contexto histórico e cultural do Nordeste em suas apresentações que acontecem todos os anos.

A figura do povo nordestino é o grande referencial para a montagem do cenário e coreografia, seja: música (estilos de musicais como Xaxado, Forró ou Xote), personagem (exemplo os retirantes, Padre Cicero, Luiz Gonzaga), ou o ambiente (Seca, Casamento na Roça e etc). A cultura da região Nordeste é facilmente reconhecida pelos brasileiros, inclusive a mídia sempre fez referências a região, seja em filmes, novelas ou e suas notícias em seus telejornais.

A região foi o cenário do cangaço, do coronelismo, é o lugar da literatura de cordel, da sanfona, e é a região natal do escritor Graciliano Ramos que escreveu o livro “*Vidas Secas*” em 1938, e que conta a história de uma família de retirantes que sofrem com a seca da região nordeste, a obra trata de um posicionamento socioeconômico relatando uma história evidente na época, onde os moradores de regiões áridas do Nordeste migravam para lugares onde pudessem fugir da falta de água e alimentos. Seu escrito se tornou uma de suas obras mais conhecidas, e aclamadas que se referem a região brasileira.

Muitas vezes o Nordeste é representado como um lugar marcado pela pobreza e pelo sofrimento do seu povo, esse imaginário continua sendo propagado pela mídia, e reproduzido pelas pessoas que marginalizam a região que é provedora de grande parte da cultura nacional.

Entre as décadas de 60 e 80 acontecem movimentos migratórios de moradores da região nordeste, que buscavam uma vida melhor especialmente na região Sudeste do País. Na época o Sudeste era referencial em termo de desenvolvimento e emprego, o rádio era o impacto nacional, como o veículo unificador com as demais regiões do Brasil. De acordo com Albuquerque (2001, p. 152 *apud* Almeida, Alves, Souto, Coimbra e Ramos 2009, p.3):

A melhoria dos transportes e dos meios de comunicação como: correios, jornais de circulação nacional e, principalmente, a presença do rádio como agente de comunicação de massas desde a década de trinta, torna as notícias das oportunidades no Sul, constantemente propagandeadas por governos e instituições interessadas na atração desta mão-de-obra, um estímulo crescente para a migração. [...] as grandes cidades do Sul seriam enfim o lugar onde se gestaria a cultura nacional de há muito perseguida.

A migração nordestina, principalmente para a cidade de São Paulo, se deu ao grande processo de desenvolvimento industrial, que gerou muito emprego na época. O que era oposto a região nordeste que mantinha sua economia voltada à agricultura, que era muitas vezes comprometida devido aos longos períodos de seca.

Anos mais tarde, em 1988, foi criado o estado do Tocantins. O Tocantins fazia parte do Estado de Goiás, região antes conhecida como parte pobre do norte goiano, que tinha pouco reconhecimento e crescimento. Assim que criado, o Tocantins era a nova oportunidade para brasileiros que buscavam uma condição melhor para viver. Localizado na região central do país, o estado faz divisa com vários estados da região Nordeste sendo ela com o Maranhão, Piauí e Bahia. Esse foi um ponto forte para a migração dos nordestinos, que buscavam fugir de condições desfavoráveis, em buscar construir uma nova vida.

Para a construção do estado foi preciso mão de obra, e muitas pessoas que vieram residir nesta região foram responsáveis desse processo. Os nordestinos foram parte dessa construção que será destrinchada mais abaixo. O fator migração é um fenômeno que “A migração implica, portanto, um processo de (re)construção de referências de vida ”(SIGNORINI, 1998, p. 108).

A migração é um fator de mudança para a vivência das pessoas, transformando a sua realidade, os cidadãos que vieram residir no estado do Tocantins buscavam emprego e qualidade de vida. Um estado recém-criado e próximo à região Nordeste era a oportunidade ideal para o crescimento financeiro.

Palmas se tornou o principal centro populacional do estado, a capital é a última cidade planejada do século XX, e está em processo de expansão, localizada na região central do

Tocantins a cidade se tornou o lugar oportuno para migrantes que buscavam emprego. Um ponto importante na criação de Palmas é a ocupação territorial, bem como os grupos que aqui se estabeleceram. Teixeira (2009, p. 98) observa que:

O impacto da fundação de Palmas atraiu gente de quase todos os lugares do país. A posição geográfica do estado no Brasil, fazendo fronteira com seis outros estados e situado na região de transição entre o cerrado, o semiárido do Nordeste e a Floresta Amazônica, tornou Palmas um lugar de fácil afluência de migrantes de várias origens. Havia também o agravante da ausência de cidades próximas com força de contenção e triagem de parte dessa migração para Palmas. Os que se estabeleceram na cidade manifestaram vínculo e identidade com o lugar, assumindo compromissos de longo prazo com a decisão de se estabelecerem em Palmas (TEIXEIRA, 2009, p. 98).

Os Nordestinos foram parte desses migrantes, pois ajudaram Palmas a criar sua própria tradição. A cultura nordestina exerce uma forte influência na invenção da identidade local, e pode ser percebida nas manifestações artísticas, na culinária e na oralidade.

Hobsbawn; Ranger (1997, p. 9) apresentam na obra *A Invenção de Tradições* a tradição como um elemento que constrói a cultura para um povo. Na obra, os autores falam que embora as tradições nos pareçam antigas podem ser mais recentes do que se imagina:

O termo “tradição” inventada é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo, às vezes coisa de poucos anos apenas e se estabelecem com enorme rapidez.

Os nordestinos contribuíram na formação cultural da cidade, que passou a ter traços típicos das antigas cidades nordestinas, reinventados junto com a modernidade.

As feiras em espaços fechados na capital lembram as feiras típicas de pequenas cidades do Nordeste. Podemos citar também a identificação ambiental como as altas temperaturas que Palmas registra nos meses de agosto e setembro que chegam a 40°C Graus, e também os fatores sociais, pois as regiões periféricas da cidade e as zonas rurais não possuem grande poder econômico.

Outro exemplo que mescla cultura nordestina reinventada sobre elementos da cultura tocantinense são as quadrilhas juninas de Palmas. As Quadrilhas no Nordeste foram imaginadas a partir de uma dança de Salão Francesa chamada *Quadrille*, ganhando ritmos nacionais a dança se popularizou e ganhou elementos da identidade popular das regiões mais carentes do Nordeste.

Em Palmas acontece anualmente a competição nomeada Arraiá da Capital, São João da Palma, é resultado da miscigenação cultural entre Tocantins e Região Nordeste, a competição é uma das maiores da região norte do Brasil.

Meneses; Ribeiro (2015, p. 3) analisam as quadrilhas juninas de Palmas sobre a ótica da teoria da folkcomunicação abordando a construção da identidade das quadrilhas no estado, e como o elas contribuem para o movimento de setores como comércio, turismo e política regional.

No Tocantins, as quadrilhas vêm progressivamente se destacando nas competições nacionais. No início, se restringiam a apresentações nas periferias e possuíam pouco ou nenhum espaço. As quadrilhas também se organizaram e a FEQUAJUTO (Federação das quadrilhas Juninas do Tocantins) é a representante e reguladora das competições. A possibilidade de obter maior destaque nacional, a construção da cultura local, a projeção de imagem positiva dentro e fora do Estado, fomentação do turismo, o espaço conquistado na mídia, o crescimento do público são motivações e também realidades que podem ser observadas no circuito de quadrilhas juninas do Tocantins. As próprias quadrilhas trabalham com profissionais que possam atender às demandas de visibilidade dos grupos, pois a quadrilha sabe que uma boa divulgação de sua imagem depende de trabalho especializado.

O evento tradicional de Palmas, conta com uma programação diversificada, com shows musicais de ritmos nordestinos, decoração cenográfica e espaço gastronômico de comidas típicas. Esta festividade movimenta setores como o comércio a o turismo e a política regional.

Nos meses que antecedem o evento, os quadrilheiros de Palmas passam a maior parte de tempo ensaiando para as apresentações. São vários dias de preparação ao logo de cinco meses, o tempo se justifica pelo grupo integrar vários casais e movimentos que precisam ser perfeitamente sincronizados, tornando as coreografias alegres e atrativas, o que é levado em quesito na avaliação dos jurados.

A manifestação nasceu em 1993, nas regiões periféricas da cidade e com o passar dos anos passou a ser patrocínio municipal, que ajudou a impulsionar, e dar mais qualidade ao evento, fortalecendo o reconhecimento como evento cultural da capital. Ao todo são mais de três pessoas envolvidas entre cenógrafos, dançarinos, artesãos, figurinistas e coreógrafos.

As Quadrilhas de Palmas ganharam destaque nacional após terem participado de grandes eventos culturais, como por exemplo: o Festival Folclórico de Parintins no Amazonas. A Quadrilha Junina “Caipiras do Borocoxó” ganhou o prêmio de melhor Quadrilha, no ano de 2013, o evento a nível nacional estava sendo sediado em Palmas naquele ano.

Outro importante destaque para à quadrilha tocantinense aconteceu na Argentina no ano de 2014, onde os integrantes participaram do evento “Goal To Brasil”, Encontro para

Brasileiros”, o acontecimento serviu para divulgação turística e artística do país durante o período da Copa do Mundo no Brasil. A cultura das juninas de Palmas foi uma das escolhidas para apresentação que dava visibilidade a cultura popular nacional. Jardim; Teske (2018, p. 2-3) comentam sobre a reelaboração Palmas no circuito nacional das festas juninas:

Dessa maneira, esses grupos quadrilheiros introduziram Palmas no circuito nacional das festas juninas. Assim, apresentaram como o Tocantins recria e brinca as juninas, ressignificando-as. Isto porque, embora a manifestação cultural ocorra em todo Território brasileiro, em cada lugar há marcas identitárias tácitas, de modo que se torna único. Cada participante, de acordo com suas vivências, acrescenta, retira, enfim, modifica e ressignifica a manifestação cultural.

O Arraiá da Capital mobiliza centenas de competidores todos os anos nos meses de julho, sendo que a atração é patrocinada pela prefeitura de Palmas, cidade onde há maior registro de quadrilhas reconhecidas em âmbito regional.

Os quadrilheiros misturam dança e teatro sobre temas típicos do sertão nordestinos, juntamente com temas modernos e atuais. A festa tem origem nas regiões periféricas de Palmas, seus participantes ensaiam o ano inteiro para apresentar um espetáculo diferenciado a cada edição.

Figura 2 - Prefeitura de Palmas: Representação de elementos da cultura nordestina (Cangaço)



Fonte: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/06/21/quadrilhas-juninas-mostram-beleza-e-criatividade-no-27o-arraia-da-capital-fotos.ghtml>

A imagem acima é da apresentação da Quadrilha Fogo na Cumbuca no Arraiá da Capital. As vestimentas utilizadas pelos competidores remetem ao Cangaço, grupo de criminosos que viviam na região de Pernambuco, seus trajes possuem uma riqueza de detalhes: chapéu de couro, no bernal, no lenço de pescoço, cabaça na cintura, uma espingarda e munições. O chapéu de couro é o acessório dos mais importantes na identidade do cangaceiro.

Os figurinos antes rasgados das tradicionais quadrilhas do Nordeste do país, agora são trajes de luxos, nas mais diversas cores e formatos, a coreografia conta uma história, que geralmente contém elementos da própria cultura nordestina como a seca, a migração, a força do sertanejo, assim como também fala sobre grandes figuras da região como o casal de cangaceiros Lampião e Maria Bonita, Dominginhos, Mestre Vitalino e Luiz Gonzaga, esse último é um dos maiores músicos e representantes de um dos estilos mais populares do Nordeste, O Baião, o cantor também é conhecido como rei do estilo musical, nas suas canções, Gonzaga retrata as condições desfavoráveis do povo nordestino mas também os aspectos positivos da região.

As músicas e as danças das quadrilhas de Palmas são focadas nos ritmos que fazem parte das quadrilhas nordestinas, sendo eles: baião, forró e xaxado, juntamente com instrumentos tradicionais da região que são: Sanfona, triângulo e zabumba. Os quadrilheiros apresentam um espetáculo que será mostrado à população da cidade de Palmas, do estado e até do Brasil. Assim, podemos dizer que essas festividades tradicionais da capital passaram por um processo de modernização no qual algumas características tradicionais desaparecem e outras são adaptadas, isso é um exemplo de cultura popular em meio ao capitalismo, que faz desta manifestação um produto, que gera emprego e movimenta a economia local:

As Festas Juninas de Palmas trouxeram desenvolvimento regional e econômico, destacando-se o turismo, a gastronomia local, a alfaiataria, lojas de tecidos e confecções, bem como, geração de emprego em diversas áreas. É por isso que se faz necessário compreender os processos folkmediáticos e entender valorização da cultura pelas pessoas que fazem parte da elaboração das festividades juninas, em Palmas (JARDIM; TESKE 2018, p. 3).

Figura 3 - Prefeitura de Palmas: A representação da cultura tocantinense (Capim Dourado)



Fonte: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/06/21/quadrilhas-juninas-mostram-beleza-e-criatividade-no-27o-arraia-da-capital-fotos.ghtml>

Na apresentação da Quadrilha Nação Junina podemos notar a presença do Capim dourado nos adereços das roupas dos quadrilheiros, isso representa a introdução de um elemento tocantinense (nesse caso o Capim dourado) na manifestação cultural da cidade de Palmas. Isso reforça a criação de uma identidade com introdução de elementos do estado que são reconhecidos pelos seus habitantes como legítimos do estado.

No ano de 2015, foi inserido na competição o casal indígena, para trazer referência à cultura dos povos indígenas do Tocantins, a fim de introduzir um novo elemento. Naquele ano, acontecia na capital os jogos mundiais indígenas (MENESES; RIBEIRO, 2015, p. 130). Assim, vemos um exemplo de reelaboração de um elemento importante da cultura nordestina adaptando-se aos aspectos do imaginário local, mas também aos interesses políticos, conforme analisaram as autoras citadas.

Outro ponto importante para o fortalecimento da identidade cultural de Palmas é a recepção dos quadrilheiros no aeroporto da capital na época do Arraiá da Capital. Os competidores recebem os turistas promovendo divulgação e visibilidade a essa manifestação. Essa reelaboração cultural palmense também é apropriada pela mídia local, que transmite o evento como uma manifestação cultural artística de valor e reconhecimento nacional.

A análise trazida pelos meios de comunicação de massa é uma união de folkcomunicação e mídia, para a qual usa-se o termo “Folkmídia”.

Entende-se que a folkmídia é o modo como os meios de comunicação de massa transmitem as manifestações folkcomunicacionais, as editam e as reconstróem, agregando valor notícia. O jornalista atua como pesquisador que constrói um diálogo entre cultura e grande massa da população. A televisão por ser um meio de comunicação de grande visualização em âmbito nacional, tem interesse pelos elementos populares, e assim contribui também como veículo de divulgação da cultura regional, modificando muitas vezes o sentido do que é visualizado pelos seus telespectadores. Aplicando assim um novo conceito identitário através de uma análise.

No telejornal, a manifestação popular, notícia, causa curiosidade dos que não a conhecem. Melo (2002, p. 1) descreve que a mídia tem interesse em dar valor notícia a um fato que antes era esquecido:

Trata-se do mosaico cultural que a mídia globalizada enseja diariamente, rompendo o isolamento social em que os cidadãos comuns viveram até recentemente. Costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na “aldeia global”. Da mesma forma, padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local ressuscitam profusamente, facilitando a interação entre gerações diferentes, permitindo o resgate de celebrações, ritos ou festas aparentemente condenadas ao esquecimento.

Hoje em dia o cidadão é consumidor da cultura regional apresentada pela mídia, a interpretando e disseminando, criando assim novos discursos. A cultura passou a ser um produto de exploração da mídia. A televisão é como um meio de informação visual muito popular no Brasil sendo a ferramenta ideal para a propagação das informações relacionadas a cultura de Palmas, validando uma identidade que está em formação, criando um contexto histórico e social. Para a pesquisadora Schmidt (2006, p. 6):

A inserção midiática, entretanto, propõe uma cultura sempre diferente, mas nem sempre nova e original, pois incorpora imagens do mundo globalizado sem perder as singularidades nacionais, regionais ou locais. Nesse contexto, não há a perda total das raízes ou da identificação, ocorre a universalização de alguns elementos e a substituição de outros, para o que Octavio Ianni (1992) chama de “novo folclore cosmopolita”.

A mistura de culturas que é apresentada pela mídia palmense reflete o imaginário popular sobre a cultura nordestina, isso é repensado nas representações das quadrilhas palmenses, criando assim uma cultura híbrida. Trigueiro (2004, p. 63 *apud* SILVA; FILHO p. 31) também fala sobre as manifestações populares e suas estratégias para resistência:

Esses (re)processamentos das manifestações folclóricas, das culturas locais são operados pelas redes folkmediáticas, onde existe, entre a emissão e recepção, um vasto campo de mediações e de apropriação dos bens simbólicos midiáticos, que são redecodificados e incorporados nas matrizes culturais como “substâncias nutritivas” das novas identidades construtoras da vida cotidiana de determinados grupos socioculturais. É nesse contexto que se dão as hibridizações culturais, onde são realizadas as interações entre “as aldeias locais e as aldeias globais.

Outros aspectos culturais de semelhança entre Palmas e região Nordeste são as feiras, da capital que estão distribuídas nas diversas regiões do plano diretor. Um exemplo popularmente conhecido pelos moradores é a Feira do Bosque, que se encontra na região sul da capital, e é aberta todos os domingos a partir das 15 horas. Criada em 1995, o ambiente é uma das feiras mais antigas da cidade, o local é o ponto de encontro de culturas das mais diversas regiões, e a nordestina é bem visível, tanto nos artesanatos quanto na gastronomia.

Figura 4 - Artesanato nordestino na Feira do Bosque



Fonte: Thiago Douglas Silva, 13 de outubro de 2019

Utensílios como colher de pau, bonecas de pano, rendas, bordados, cestos de talo de bambu, e objetos feitos de madeira entre outros, são encontrados na feira. Na parte de alimentos há vários que são comuns na região nordestina sendo alguns deles: bolo de milho, coco e de mandioca, acarajé, cuscuz, tapioca recheada, beiju, azeite de coco e de dendê, pamonha e paçoca de carne.

A Gastronomia palmense veio da miscigenação de várias culturas dentre elas as das regiões próximas ao Tocantins, em que se destaca o sul do Pará, Maranhão e Goiás. A galinhada que é comum na região nordeste agora vem acompanhada do pequi que é um fruto típico do cerrado e é encontrado com abundância em Palmas nos meses de outubro, novembro e dezembro, o chambari de gado com farinha de mandioca e a paçoca de carne seca também são facilmente vistos em restaurantes da cidade. A culinária palmense também ganha destaque na mídia, onde é apresentado ou ensinado a fazer os pratos que são considerados tipicamente tocantinenses.

O que pode se notar é que o fator proximidade trouxe ao estado do Tocantins migrantes, e grande parte deles veio da região Nordeste, trazendo consigo suas vivências, costumes e histórias. Assim esse povo também moldou uma cultura para Palmas, e ela nasceu de vários elementos culturais nordestinos que também foram construídos. A identidade da região

Nordeste foi imaginada a partir de suas evidências (aspectos culturais, como: gastronomia, músicas, e manifestações populares), junto com a miscigenação de outras culturas que foram trazidas para a região na época da colonização do país, construindo assim uma nova identidade reconhecida por todos os brasileiros como patrimônio histórico regional.

Assim também o Nordeste contribuiu para a formação da identidade de Palmas, que apesar de nova já vem se destacando em nível nacional, a identidade tocantinense também possui seus objetos, sejam eles imaginados como o girassol, ou nativamente existentes como o capim dourado e o pequi, esses elementos são misturados a outros, gerando um hibridismo cultural que será lembrado como indenitário e tradicional do estado e da capital.

4 METODOLOGIA

O trabalho propôs como técnica de pesquisa para o estudo a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), que é uma técnica fundamental para identificar o que está sendo dito sobre determinado fato. Segundo Bardin (2011, p. 13) a análise de conteúdo:

É seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a posteriori os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século.

Já Peres, Wanderley; Correia; Melo (2011, p. 224) abordam a análise de conteúdo como a técnica de pesquisa que se aprofunda em determinado fato a fim de compreendê-lo, para os autores é necessário interpretar o conteúdo com a teoria que melhor o explica:

Pela natureza científica a análise de conteúdo deve ser eficaz, rigorosamente precisa. Trata-se de compreender melhor um discurso, de se aprofundar suas características (gramaticais, fonológicas, cognitivas, ideológicas e etc) extrair os momentos mais importantes por tanto deve basear-se em teoria relevantes que sirvam de marco de explicação para as descobertas do pesquisador.

Ainda de acordo como Peres, Wanderley; Correia; Melo (2011) O estudo das características da comunicação servem para compreender o homem, seu pensamento sendo o tema central de todas as ciências humanas transformando-se em um meio importante na interpretação entre os indivíduos”. O processo de análise e interpretação é um ponto de descodificação do objeto observado, o que contribui para a compreensão da mensagem, e a clareza da comunicação expressada por meio de um emissor, no caso das matérias que serão analisadas, tratam-se de reportagens que fazem referência ao dia do nordestino, e a teoria para sua compreensão é a da folkcomunicação, especificamente na apropriação da dessa teoria pela mídia (folkcomunicação). O corpus qualitativo no qual irei utilizar nessa análise, compreende e explica os fatos de maneira mais aprofundada, privilegiando os processos que remetem ao objeto analisado. Para Minayo; Delandés; Neto; Gomes (1994, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não se pode ser qualificado. Ou seja trabalha com um universo de significado, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A Folkcomunicação será a teoria de fundamento para a análise, ela é um estudo da comunicação que foi pensado pelo Jornalista Luiz Beltrão. O pesquisador Wolfgang Teske descreve em um trecho do seu livro “A Roda de São Gonçalo na Comunidade Lagoa da Pedra em Arraias (TO)” a forma como a folkcomunicação se aplica nas ciências da comunicação:

A folkcomunicação é o estudo sobre os processos de comunicação através das manifestações folclóricas e suas relações com a mídia. É portanto, um campo emergente de estudos das ciências da comunicação que cada vez mais consolida nos cursos de graduação e pós graduação em comunicação social nos diversos centros de ensino e de pesquisas brasileiros. É importante explicar que a folkcomunicação não é o estudo das manifestações folclóricas e das culturas populares em si mesmo, mas dos procedimentos comunicacionais estrategicamente operados pelos produtores com o objetivo de dar visibilidades aos acontecimentos da vida cotidiana e aos momentos extraordinários como as celebrações sagradas e profanas (TESKE, 2009, p. 11).

Para analisar o conteúdo irei dispor da Folkmídia, que é a análise sobre a forma com que a mídia se apropria e apresenta as manifestações dos populares.

Uma das preocupações da “Folkmídia” é o estudo de como se dá o uso dos elementos folkcomunicativos na mídia. Este estudo tem como proposta mostrar como a metodologia da Análise de Conteúdo pode ser bastante eficaz para analisar o resultado da cultura quando ela é mediada pela televisão, em especial, quando transmitida no telejornal, espaço em que as manifestações folkcomunicacionais são editadas e reconstruídas (FREITAS, 2011, p. 1).

Assim, a abordagem teórica ajudou a construir os aspectos a serem observados na abordagem metodológica qualitativa a qual irei utilizar para compreender e explicar os fatos de maneira mais aprofundada, privilegiando os processos que remetem ao objeto analisado (reportagens).

Foram analisadas duas matérias da TV Anhanguera TO, relacionadas ao “Dia do Nordeste”, sendo elas dos anos de 2018 e 2019. Ao relacionar a análise de conteúdo de forma qualitativa como é o caso da proposta que é analisar as matérias sobre o Dia do nordestino veiculadas na cidade de Palmas nos dois últimos anos, interpretando os dados que evidenciam elementos da folkmídia. Eu como pesquisador pretendo interpretar a matéria e o valor que a mídia deu para ela por meio dos elementos que construíram a reportagem, extraindo os pensamentos disseminados, tanto referentes ao modo de produção no telejornalismo quanto aos elementos culturais nordestinos e palmenses.

Quadro: Relação do *corpus* da análise

	Matéria 1	Matéria 2
Título	Dia do nordestino é comemorado em Palmas nesta segunda-feira (8)	Dia do nordestino é marcado por atividades culturais e alimentos regionais
Data	08 de Outubro de 2018	08 de Outubro de 2019
Duração	3:10	4:55
Repórter	Heitor Moreira	Marília Randam
Telejornal	Jornal Anhanguera 1º Edição (JA1)	Bom Dia Tocantins

Fonte: SILVA, (2019)

Cada notícia foi analisada observando as três seguintes categorias: “A Identidade Nordestina”: ”onde busquei analisar e encontrar os elementos nas matérias em que a cultura nordestina é apresentada e como ela é mostrada. Na segunda categoria “Cultura de Palmas” busquei os elementos em que nas matérias apresentam a capital, sua cultura e sua identidade. Na última categoria “Reelaboração da Cultura Palmense” busquei fazer o intercâmbio entre as duas culturas, palmense e nordestina, a fim de verificar e como a identidade nordestina é mostrada com elementos palmense de forma reelaborada.

Ambas as notícias sobre o Dia do Nacional do Nordeste foram selecionadas por fazerem parte do calendário nacional e por estarem relacionadas ao contexto migratório entre a região nordeste com o Tocantins como um gancho jornalístico, identificando as categorias citadas acima. O fato de os veículos de Comunicação locais darem destaque ao Dia do Nordeste como notícia mostra a importância desta cultura para a formação identitária de Palmas e do Tocantins. A teoria da folkcomunicação, nesse caso, contempla o fato como produto midiático, ambas as notícias são um produto do meio de comunicação e o estudo da folkmídia interpreta a notícia com o valor que lhe é agregada.

Assim, realizei uma pesquisa exploratória a partir da análise dos conteúdos sobre o viés da teoria. O objetivo geral do projeto de reflexão teórica é identificar os traços da cultura nordestina, sua reelaboração como identidade palmense e como esses fatos foram apropriados pela mídia local.

5 ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE NORDESTINA NA TV ANANHAGUERA

A TV Anhanguera é afiliada da Rede Globo no Tocantins e sua programação começou a ser exibida em Palmas em 1995, e, em 2015, a transmissão tinha um alcance de 22 municípios do Estado (TV Anhanguera, 2015). A programação é transmitida 24 horas por dia, os telejornais regionais dispõem de notícias que tratam do cotidiano regional, e também sobre questões culturais que irei analisar. O jornalismo da TV Globo TO, reproduz um discurso em cada matéria veiculada. O fato antes de ser captado pelas câmeras deve vir de uma pauta, após a proposta ser destinada ao repórter e o cinegrafista irão cumprir a orientação para a edição do material que será reportado ao grande público, e como consequência após a veiculação cria-se um imaginário nos seus telespectadores, ouvintes ou leitores.

Analisar o jornalismo televisivo da emissora Globo Tocantins me permitiu perceber o quesito valor-notícia usado na matéria referente ao dia 08 de outubro (Dia Nacional do Nordeste) e também a utilização da Folkcomunicação pela mídia para abordar os fatos que tem relação com a representação cultural popular dos migrantes nordestinos para a cidade de Palmas, considerando que há uma seleção relacionada a essas representações que são construídas e abordadas sobre um grau. Assim, o Dia do Nordeste foi um fato que interessou a imprensa.

A Folkmídia (modo como a mídia se apropria dos elementos da folkcomunicação) aplicada no jornalismo reporta as pessoas um imaginário sobre o fato em meio a suas representações e elementos que descrevem sua história, tratando as questões populares do grupo ou indivíduo de forma descritiva. Iremos interpretar a matéria sobre o tema nordeste já que ambas as matérias se referem a este conceito, abordando suas representações que são objeto de estudo da Folkcomunicação, comparando as duas notícias como os critérios identidade: Nordeste, Palmas, e a reelaboração da identidade de Palmas.

Como citei nos capítulos anteriores a cultura da capital do Tocantins sofreu forte influência de aspectos do nordeste brasileiro, região que também foi influenciada por várias outras culturas, entre elas a Europeia e a Africana. Falar sobre a cultura de Palmas e sua representação a relacionando à elementos do Nordeste é criar uma comunicação e é o que veremos mais abaixo nas matérias relacionadas à essa concepção. A TV Anhanguera Tocantins produziu matérias voltadas à cultura nordestina sempre fazendo relação entre Palmas e cidades do Nordeste, a partir do relato de nordestinos que migraram para Palmas. Ambas as matérias foram veiculadas no dia 8 de outubro nos telejornais da TV Anhanguera, e também publicadas no portal G1 TO, as notícias fazem referência à cultura nordestina trazida

por seus migrantes residentes no Tocantins. Minha análise foi feita através do conteúdo publicado no portal de notícias da Globo Tocantins, seguindo como teoria a Folkcomunicação, e analisando as questões de interesse cultural presentes na Folkmídia. A primeira matéria foi veiculada no Jornal Anhanguera primeira edição no dia 08 de Outubro de 2018, e posteriormente disponibilizada no site da Globo TO (G1). A Âncora do Jornal (JA1), fala que os nordestinos são cerca de 40 por cento da população de Palmas, o percentual é equivalente ao número de migrantes do Nordeste para a capital. Um aspecto que chama atenção na chamada da apresentadora é o fato da sua afirmação de que a “Capital Tocantinense é um pedacinho no Nordeste”, apontando em seguida na sua fala seus aspectos: Culinária, Cultura e Música da região nordestina que são identificados a seguir na reportagem. A chamada da apresentadora cria proximidade, já que Palmas é considerada um pedacinho do Nordeste, isso reforça que a cultura regional nordestina está presente na capital.

Logo após a chamada começa a reportagem que se inicia com o off do Jornalista Heitor Moreira, falando sobre a culinária nordestina, as imagens de apoio são dos pratos de um restaurante de Palmas, e veem acompanhadas de uma legenda que se refere a frase dita anteriormente pela jornalista de que “40 por cento dos palmenses vieram de estados da região nordeste”. O repórter traz em sua sonora a seguinte frase:

Não tem como não falar da culinária nessa região (Nordeste) nesse dia do nordestino, o que demonstra o imaginário que a comida da região é uma característica fundamental a ser abordada na matéria, é como se o jornalista dissesse que não tem como não falar do Nordeste sem falar de sua culinária (Reportagem da TV Anhanguera, 2018).

O repórter comenta que a matéria irá começar em um restaurante de Palmas que trabalha exclusivamente com comidas típicas do Nordeste. O jornalista se apresenta ao lado do dono do Restaurante Huagno Tenório, afirmando que ele é nordestino, o repórter também fala sobre a migração do empresário do interior de Pernambuco para Palmas. Huagno fala sobre os pratos e por vários momentos reforça os que são bem vendáveis o que traz a ideia de negócio bem-sucedido, dando valor ao alimento.

Figura 5 - Reportagem da TV Anhanguera: Restaurante de comida nordestina em Palmas



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7078032/>

Outro aspecto que me chamou atenção foi o empresário recriar pratos (reelaborar) com diversos elementos da culinária nordestina, misturando-os, tornando os alimentos uma mistura de vários elementos típicos da região nordeste. Nesse caso, a reelaboração acontece para atender seus clientes de Palmas embora todos os elementos sejam culturalmente associados à gastronomia do povo nordestino. O empresário criou uma identidade para seus alimentos e é ele que apresenta cada característica dos pratos, sempre o relacionado com a identidade da culinária.

Enquanto o dono do restaurante fala sobre suas iguarias o jornalista as degusta, transmitindo a ideia de se adentrar a essa cultura transmitindo a ideia de algo novo, desconhecido, degustando, analisando o produto, e o aprovando ao final. Nessa parte da reportagem, o objeto de análise é a gastronomia nordestina que é apresentada ao jornalista sendo uma mistura de comidas típicas da região sendo elas: Cuscuz com charque e manteiga de garrafa, tira de carne de sol com mandioca cozida, baião de dois e farofa de beiju, Arrumadinho de charque: feijão trepa pau, farofa de beijo, banana da terra, vinagrete e charque e o Baião do cangaço que é um baião de dois com queijo coalho e banana da terra.

A matéria muda de contexto para falar sobre a casa do nordestino de Palmas que foi criada pela nordestina Neves. No off, o jornalista dá ênfase ao dizer que a professora Maria das Neves é uma daquelas nordestinas do coração grande, o que faz referência a hospitalidade do povo nordestino. Podemos perceber nesse momento da matéria que há uma reelaboração

cultural, pois, a casa do nordestino que se encontra em Palmas faz um elo de ligação entre a cultura palmense e a nordestina, e é esse fato que a matéria quer deixar em evidencia “o encontro entre as duas culturas”

Na imagem de apoio que mostra Neves conversando com dois homens pode se perceber como plano de fundo pode se ver artesanatos que remetem a cultura nordestina: Quadro do Lampião e Maria Bonita, Boneca negra com roupa floral e chapéu de cangaceiro, aves, pano de mesa de pano de chita com flores, banquinho com um pano e vela, logo a cima do banco é possível ver um quadro que remete a religiosidade, que é algo muito forte na região Nordeste, todos esses elementos servem também como campo de fuga (tiram o foco de quem vê dos personagens direcionando também aos objetos que chamam atenção de quem assiste) para que o telespectador percebam ali também a cultura nordestina por meio de suas representações.

Figura 6 - Reportagem da TV Anhanguera: Casa do Nordestino



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7078032/>

Na sequência aparece novamente a sonora de Maria das Neves que afirma o discurso dito no off do repórter, ela diz: “Não cabe somente os nordestinos como também os tocaninenses os paraenses, todo o povo, o nordestino é um povo receptivo e acolhedor”. Como citado mais a cima essa parte da entrevista está voltada para o aspecto de acolhimento do nordestino para com as pessoas de diversas origens, não se limitando apenas a ser o meio de encontro dos nordestinos em Palmas, ao longo da entrevista com Neves tanto ela quanto o

repórter trazem um conceito que o povo nordestino são pessoas humildes, simples, amorosas, Marias das Neves é a mulher que veio fazer sua vida em uma nova localidade nunca deixando suas origens, e por esse fato criou uma casa do nordestino em Palmas para viver as duas culturas, mesmo não estando em sua região de origem.

Ao terminar a fala da criadora da casa nordestina volta-se para o off do jornalista que apresenta outro personagem, o Servidor Público Deliel Barbosa, o entrevistado também foi filmado na casa do nordestino, já tendo aparecido no primeiro momento nas imagens de apoio de Neves conversando, o personagem é mostrado como um cidadão tocantinense que fez amizade com os migrantes da casa do nordestino, a imagem de apoio mostra o Deliel na casa do Nordeste, porém em outro espaço, onde pode se perceber novos objetos não mostrados na cena anterior, como: Guarda-Chuvas, um pote de barro, um bibelô de galinha da angola, bonecos que remetem ao homem sertanejo sendo um com uma vara de pescar na mão, outro dentro de uma canoa, bonecos que remetem a figura do cangaço tocando instrumentos, duas pequenas bonecas vestidas com roupas coloridas, galinha da angola, e outro boneco deitado em uma rede, armada sobre dois coqueiros, e uma corda onde estão presas pimentas e alho, o que fazem referência o tempero da região.

O entrevistado aparece de forma descontraída, vestido com uma camisa quadriculada, que é uma vestimenta bem comum na região nordeste. A sonora de Deliel vem reforçar a ideia que é apresentada nessa parte da matéria, pois ele diz que o povo nordestino tem receptividade com quem quer que seja, e fala também da comida dando ênfase que todo nordestino sabe fazer uma comida maravilhosa. O foco dessa parte da matéria está em reforçar a valorização do nordestino, assim como nos trechos anteriores, Deliel representa um cidadão tocantinense em meio a cultura nordestina validando-a.

Deliel também comenta sobre a relação entre o Tocantins, suas palavras foram: “Quem de nós não tem algo do nordestino?” Ele também afirmou que muitos tocantinenses são descendentes de nordestinos. E diz que esse é o fator de atração, o que gera proximidade das pessoas com a cultura. Esse momento vem fortalecer a questão central da matéria que é o ser Nordeste em Palmas, e também a contribuição dessas pessoas para a cidade em seus mais diversos aspectos seja na culinária, na cultura ou na música.

A próxima parte da matéria é uma entrevista com o presidente da associação dos nordestinos em Palmas, Walter Simões. O ambiente no qual a imagem o presidente foi gravada assim como as dos demais entrevistados favorecem a cultura regional nordestina. Walter aparece sentado em uma cadeira popularmente conhecida no Nordeste brasileiro como cadeira de macarrão ou de espaguete, ela é muito comum na região assim como também é na cidade de

Palmas, a cadeira possui estrutura de ferro e é revestida com fios, que variam de material, geralmente são de plástico emborrachado.

Figura 7- Reportagem da TV Anhanguera: Casal de Cangaceiros



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7078032/>

A mesa de madeira ao fundo tem um aspecto de mobília antiga, e sobre ela estão dois bonecos que se assemelham ao casal Lampião e Maria Bonita em trajes de cangaceiro, um cacto com lâmpadas e outro menor dentro de um vidro.

A reportagem faz novamente a ligação entre Palmas e Nordeste o presidente da associação conta que a capital possui muitas pessoas vindas da região nordeste por conta da proximidade do estado com o Nordeste brasileiro. O repórter fala que Walter mora no Tocantins há 25 anos. Após o off, volta-se para a sonora de Walter que afirma sobre ter certeza que o povo nordestino migrou para ajudar na criação do Estado do Tocantins. A fala de Walter Simões contempla a questão da importância do povo do Nordeste, que aconteceu em vários aspectos, tanto material, como cultural para a cidade de Palmas.

Ao término da fala do entrevistado aparece novamente a imagem da mesa da casa do nordestino da entrevistada Maria das Neves, como imagem de apoio. O Off do jornalista, que é um comentário sobre a questão moradia em Palmas, ele diz: “No dia do nordestino, gente que veio para cá e não quis ir mais embora”. A fala do reporter é acompanhada de imagens de apoio onde aparece os já entrevistados na casa do nordestino: Maria das Neves e Deliel Barbosa e o próximo entrevistado Ivamberto Lemos, no qual é o personagem da chamada.

Ivamberto vem fechar a matéria afirmando amar o Tocantins o entrevistado afirma ser nordestino por natureza e tocaninense de coração, a reportagem termina com uma música popular do Nordeste, na canção é possível identificar o toques de instrumentos tradicionais da região nordestina entre eles a sanfona e o triângulo, juntamente com imagens referentes a região, sendo elas de peças da casa do nordestino neste momento elas aparecem aproximadas e permitem a visualização mais detalhada dos objetos, a matéria termina com a imagem de um prato do restaurante de comidas Nordestinas de em Palmas.

Resumindo, a reportagem do dia do nordestino de 2018 trouxe diversos elementos do Nordeste destacando a culinária, a cultura por meio da reelaboração e a migração, fazendo relação entre Palmas e Região Nordeste, destacando o nordestino como um povo aberto a possibilidades, como no caso do empresário que abriu negócio em Palmas ou até mesmo de Maria das Neves que decidiu abrir uma casa do nordestino na cidade e lá recebe pessoas de todos os lugares.

A matéria apresentou por diversas vezes o fator proximidade tanto do tocaninense como do nordestino a exemplo temos o Deliel que é tocaninense e gosta da cultura do Nordeste e também o Ivamberto que é do interior do estado da Paraíba e se diz tocaninense de coração. Os aspectos: Culinária, Cultura e Música apresentados na chamada da apresentadora para a reportagem foram atendidas, porém a música foi mostrada apenas como BG, na minha opinião esse elemento cultural poderia ser melhor explorado. As imagens de apoio foram bem distribuídas e fazem referência ao imaginário cultural da região nordeste, a matéria é uma representação de como é ser nordestino em Palmas.

Palmas é o ambiente onde a reportagem acontece, podemos perceber que a matéria se trata do imaginário cultural nordestino na capital, e sua reelaboração, seja na gastronomia ou na cultura, a tradição nordestina sofre mudanças, por isso usa-se o termo “reelaboração” que neste caso é a forma como o indivíduo ou um grupo recriam ou evidenciam suas tradições. Como vimos no capítulo da reelaboração da cultura de Palmas, os nordestinos foram essenciais na criação do cultural de Palmas, tecendo uma identidade, assim também esse povo sofre influência nas suas manifestações pois eles recriam sua identidade em outro local, representam sua cultura para os moradores de Palmas.

Todos os personagens dessa matéria, migraram para a capital e aqui estabeleceram sua vida, trazendo consigo sua identidade cultural e a disseminado, reelaborando-a à partir do princípio de que cada pessoa tem uma forma de expressar sua cultura para apresentá-la, assim como o Huagno Tenório dono do restaurante de comida nordestina, que misturou diversos elementos tradicionais do Nordeste para criar seu pratos, a professora Maria das Neves por sua

vez teve a iniciativa de criar uma casa do nordestino na capital, dando visibilidade a sua cultura, recebendo pessoas de Palmas, e de outros lugares.

Figura 8 - Reportagem da TV Anhanguera: Passagem em Feira Municipal de Palmas



Fonte: <http://g1.globo.com/to/tocantins/bom-dia-tocantins/videos/t/edicoes/v/dia-do-nordestino-e-marcado-por-atividades-culturais-e-alimentos-regionais/7985059/>

A segunda reportagem foi veiculada no Bom Dia Tocantins no 08 de Outubro de 2019, a reportagem posteriormente foi publicada no portal G1 TO onde aparece com o título: “Dia do nordestino é marcado por atividades culturais e alimentos regionais”. A matéria inicia com imagens da repórter Marília Randam andando em uma feira de Palmas, nas imagens de apoio a jornalista aparece de forma descontraída e com uma saia jeans, blusa com alças em tom bege e casaco estilo cardigã vermelho com listras verticais brancas, o casaco aberto me lembrou os tecidos coloridos da região nordeste, muito usados em suas vestimentas, redes e artesanatos. A música de fundo (BG) se chama “Capitais e Tais” do cantor e compositor baiano Tom Zé, uma canção que poetiza romantizando os estados nordestinos e suas capitais. A música representa a cultura popular nordestina.

A roupa que me veste melhor é o luar de Maceió, o melhor cobertor quando esfria é o calor da Bahia, coisa boa, João Pessoa, as lagoas de Alagoas, que sina terei em Teresina? Se Recife se refere à cidade-saudade (LETRAS, Acesso: 20 de novembro de 2019).

Na passagem da repórter ela fala de sua origem nordestina e, como uma boa nordestina que é, não há nada melhor do que começar o dia tomando um caldo de cana. Marília fala sobre a história da

bebida que está ligada a exploração da cana de açúcar que aconteceu no Nordeste no século XVI, a exploração era feita pelos pretos na época da escravização do Brasil. As imagens de apoio que aparecem depois da passagem, e são referentes ao processo de extração do caldo da cana na feira onde é realizada a matéria. Neste primeiro momento da reportagem é comentado o contexto histórico da bebida, seguindo por imagens de apoio do processo de retirada do caldo da cana na barraca da dona Maria da Silva, que é a primeira entrevistada da reportagem.

Em seguida aparece a imagem da repórter perguntando a vendedora Maria da Silva, se o caldo está fresquinho da hora. A fala de forma informal gera uma aproximação nesse espaço popular (feira), a o jornalista como agente desse processo folkcomunicativo deve se adentrar no objeto de estudo e instigar esse processo de comunicação. Ao usar a expressão: “Está fresquinho da hora” a repórter demonstra simplicidade e proximidade, essa expressão comumente falada pelos populares da região gera empatia entre entrevistada e jornalista.

Embaixo da imagem aparece uma tarja com a seguinte frase: Dia do Nordestino, Costumes e histórias de nordestinos que moram no Tocantins. A repórter pergunta à dona Maria de onde ela veio, iniciando um diálogo, a vendedora fala que migrou de Barra do Corda no Maranhão para o estado do Tocantins, no ano de 1992, comenta sobre como vivia na região afirmando que lá é um lugar sofrido, mas lá ela “nasceu, viveu e se criou” (Essa fala é popularmente usada no Nordeste para referir-se a estada no local).

A repórter pergunta a Maria se ela sabia que o caldo de cana nasceu no Nordeste, e se ela já tomou lá? A vendedora responde que sim, e que consumia a bebida na época que vivia na região, mas que o mecanismo para tirar o caldo da cana era diferente, o processo era feito em um engenho de madeira, Dona Maria faz gestos de como se era retirado o sumo no engenho, e fala que veio conhecer como se extrai mesmo no Tocantins, ela fala sobre o seu trabalho para retirada do caldo e para a venda em sua barraca, de forma gestual ela explica o processo de limpeza das canas, a repórter interage com a vendedora com gestos de aprovação, a entrevista com Maria finaliza com imagem de apoio da feirante vendendo seu caldo de cana.

Nesse primeiro momento da matéria percebemos que a jornalista se adentra dentro de um ambiente que é comum na região nordeste, e se popularizou em Palmas, as feiras, como já foi citado no capítulo: “A Cultura Nordestina e sua influência na construção da identidade palmanense”, as feiras da capital são semelhantes às que existem na região nordeste, e começar a matéria nesse local é se referir a um ambiente de que lembra o Nordeste

Figura 9 - Reportagem da TV Anhanguera: Imagem do nordeste



Fonte: <http://g1.globo.com/to/tocantins/bom-dia-tocantins/videos/t/edicoes/v/dia-do-nordestino-e-marcado-por-atividades-culturais-e-alimentos-regionais/7985059/>

A repórter usa um texto em off como gancho para mudar o foco da matéria, ela diz: “Para não me deixar mentir dizendo que todo nordestino adora caldo de cana, tem a memória afetiva da dona Luiza”, nesse momento aparecem imagens de apoio da entrevistada e também é mostrada fotografias nas mãos da professora aposentada Luiza Camelo, é abordado em off sobre sua vida na região Nordeste, com imagens de apoio em preto e branco da cidade natal, a professora nasceu na cidade de Nova Russas.

A entrevistada fala que achava muito bom acordar cedo para ir moer cana de açúcar e fazer rapadura e melado, o que chama atenção na matéria são as várias imagens de apoio que aparecem, que são de uma casa com aspecto antigo, uma moenda de cana de açúcar, que refere-se a que a entrevistada anterior Maria da Silva havia comentado sobre como acontecia o processo de extração do caldo na sua cidade natal, e também aparecem uma fornalha e um pilão de madeira, a entrevistada fala que era a coisa melhor do mundo tomar o caldo de cana de manhã cedo. As imagens de apoio no começo da entrevista da aposentada se refere ao contexto histórico de Luiza. As imagens também ilustram a história de vida da nordestina. Dona Luiza é a personagem que vem apresentar suas memórias nesse seu primeiro momento da entrevista fazendo a ligação de seu passado com a cultura nordestina.

Ao término da fala da entrevistada Luiza Camelo aparecem imagens de apoio da TV Cabo Branco, as imagens de uma estrada, fazenda, e de uma cidade nordestina chamada de Areia da Paraíba, também aparecem imagens de artesanatos nordestino sendo eles: uma boneca de pano que parece ter sido feita de forma artesanal, quatro bonecos sendo dois pequenos e dois grandes ambos são um casal

de cangaceiros e parecem fazer referência a Lampião e Maria Bonita. Esses dois personagens são vistos com frequência em objetos decorativos em ambas as matérias de 2018 e 2019.

No off a jornalista fala: “Os sabores aconchegantes vão do Ceará até a Paraíba”. A fala da jornalista é sobre a cidade de Areia, a repórter fala que a cidade é colorida e linda, expondo assim sua opinião que é reforçada visualmente pelas imagens de casas coloridas no estilo colonial brasileiro, ela também fala que o local foi tombado como patrimônio nacional, as imagens de apoio são gancho para a sonora da entrevista de Neves Batista, que é natural da cidade do interior da Paraíba, Neves também foi entrevistada no ano anterior (2018) ela é a fundadora da casa do nordestino em Palmas.

Na matéria de 2019, não se fala sobre a casa do nordestino em Palmas, como a do ano anterior, dando foco apenas à entrevistada e sua identidade nordestina. A entrevistada comenta ter vários utensílios do Nordeste sendo eles: Roupas Nordestinas e comida nordestina. Ela reforça que sempre que vai a sua cidade traz várias coisas e descontraí ao dizer: “Parece um contrabando, é carne de charque, é rapadura, é farinha, é bolacha”.

Figura 10 - Reportagem da TV Anhanguera: Monumento dos Pioneiros



Fonte: <http://g1.globo.com/to/tocantins/bom-dia-tocantins/videos/t/edicoes/v/dia-do-nordestino-e-marcado-por-atividades-culturais-e-alimentos-regionais/7985059/>

Ao termino da fala de Neves, aparece passagem da repórter em frente ao monumento de Súplica dos Pioneiros que fica na praça dos girassóis em Palmas, de acordo com secretária do turismo do Tocantins as estatuas de bronze simbolizam nove personagens: pai, mãe, filhos e filhas e um carneiro

homenageando os primeiros moradores que chegaram em Palmas e que ajudaram a construir Palmas (SECOM, 2019):

O Monumento Súplica dos Pioneiros é uma criação do artista plástico Maurício Bentes e faz parte do acervo da Praça dos Girassóis desde 18 de março de 2002. As estátuas estão voltadas para o leste, em posição de agradecimento pela oportunidade de conquistar e construir a vida nova no novo Estado. O carneiro foi o animal escolhido para expressar o sentimento religioso do povo tocantinense.

A jornalista em sua passagem explica que as diferentes histórias trouxeram os nordestinos para a capital, e que segundo a pesquisa do IBGE feita no ano de 2015, os estados da região nordeste que mais migraram para o Tocantins foram: Maranhão, Piauí, Ceará e Bahia. No último estado a jornalista dá ênfase ao dizer: “E a minha Bahia”, reforçando também o pertencimento a região Nordeste, se identificando também como uma migrante.

A matéria volta para a segunda entrevistada, Luiza que conta que tinha vontade de morar em Goiás, e falava para seu pai que iria casar com um homem corajoso. A sonora da entrevistada refere-se ao Tocantins quando ainda pertencia ao norte goiano. Em sequência, o Off da jornalista fala do orgulho da aposentada em morar em Palmas, e de ser nordestina, fazendo assim uma relação entre as duas culturas que são importantes para dona Luiza a reporter fala que a origem de Luiza aparece em cada gesto.

Em seguida ao off, dona Luiza fala sobre o que na sua opinião são os adjetivos de um nordestino: “Nordestino é muito corajoso, muito criativo e muito trabalhador”, ela também fala que a sua cidade natal é conhecida como a capital do crochê, comenta sobre a beleza e variedade de peças tecidas com o fio, e que sempre que vai à sua cidade de origem traz artesanatos de crochê, para presentear as pessoas. O que chama atenção ao fim da entrevista com Luiza é o fato dela ter dado peças de crochê para a repórter, a cena é registrada como imagem de apoio com off da jornalista que diz ter sido agraciada com a generosidade da dona Luiza, a entrevista termina com um abraço da aposentada e a repórter.

Figura 11 - Reportagem da TV Anhanguera: Abraço entre entrevistada e Repórter



Fonte: <http://g1.globo.com/to/tocantins/bom-dia-tocantins/videos/t/edicoes/v/dia-do-nordestino-e-marcado-por-atividades-culturais-e-alimentos-regionais/7985059/>

Neste segundo momento da entrevistada Luiza, percebemos a sua opinião sobre o povo nordestino, ela valida os aspectos da personalidade de quem nasceu na região Nordeste, o momento em que Luiza entrega o presente a jornalista cria um laço de proximidade e afeto que é reafirmado pela repórter, que se diz grata.

O off da jornalista após a imagem fala de forma sentimental sobre que: “Cada um tem seu jeito de manter o nordeste presente e pulsando” as imagens de apoio que aparecem em seguida são de utensílios da casa de Maria das Neves, sendo elas referentes a cultura nordestina: Uma placa com o nome o amor mora aqui, bonecas de pano e um boneco que parece ser de barro que representa a figura de um homem sertanejo, essas imagens de apoio são um gancho para a sonora de Neves.

A entrevistada Neves fala sobre como ela representa e manifesta sua identidade nordestina em Palmas, ela comenta que o arraial que ela faz é famoso, e acontece no quintal da sua casa, ela diz que quando as pessoas chegam lá é um pedacinho do Nordeste, e que na festividade promovida por ela tem comidas típicas nordestinas, forro pé de serra, e conclui, dizendo: “Você atravessa minha casa, quando você chega lá você fica encantada”. A sonora de Maria das Neves ao afirmar que o local é famoso, um pedaço de nordeste, e que quando se chega lá fica encantada, ela cria uma demonstração entre sua manifestação com a repórter, como uma forma descritiva de ela reelabora a cultura nordestina em sua casa.

Figura: 12 - Reportagem da TV Anhanguera: Representação da Festividade à São João



Fonte: <http://g1.globo.com/to/tocantins/bom-dia-tocantins/videos/t/edicoes/v/dia-do-nordestino-e-marcado-por-atividades-culturais-e-alimentos-regionais/7985059/>

As imagens de apoio que aparecem na matéria fortalecem essa descrição, elas assemelham ao de arquivos pessoais, sendo fotos de: comida, espaço da celebração, fotos coloridas de bonecos, enfeites, bandeirolas e quadros após a fala de Neves volta-se para o off da jornalista que aborda a valorização cultural desse povo, ela fala sobre a importância de manter viva essas manifestações. A jornalista cria um gancho para o próximo entrevistado.

Carnevaldo Leal é cordelista, e logo após o off da jornalista começa sua entrevista cantando um cordel, o entrevistado aparece sentado com vários cordéis em sua mão e com um chapéu típico da região nordeste que se assemelha ao dos cangaceiros, ao fundo uma mesa com o que parece ser comidas típicas do nordeste, dentre elas consigo identificar a paçoca de carne de sol. O Cordel citado pelo senhor Carnevaldo aborda a vivencia nordestina ele cita: “ Tirei lenha no machado, limpei arroz no pilão, na enxada todo dia, cortava bem de facão”.

Ele explica que hoje no Brasil o nordestino é considerado um povo particular, e fala sobre a questão da discriminação da região, para ele o nordeste é um lugar especial ao final exterioriza: Foi Deus que fez o Nordeste, e vão ter que engolir”, sobre os risos do próprio e da jornalista a matéria termina com um toque de ritmo nordestino.

Figura 13 – Reportagem da TV Anhanguera: Cordelista Carnevaldo



Fonte: <http://g1.globo.com/to/tocantins/bom-dia-tocantins/videos/t/edicoes/v/dia-do-nordestino-e-marcado-por-atividades-culturais-e-alimentos-regionais/7985059/>

A reportagem de 2019 relacionou a cultura nordestina em Palmas como uma identidade reelaborada que sobrevive graças ao povo migrante que se orgulha e dissemina esse imaginário fora do Nordeste. Os elementos da Folkcomunicação divulgados pela mídia local se referem identidade de cada um dos entrevistados que migraram para a capital e as suas formas de manifestar sua história, cultura e opinião, fazendo sempre relação com a região nordeste e também com a cidade de Palmas. A representação do povo nordestino é explorada sobre cada elemento trazido pelos personagens, seja na origem do caldo de cana de açúcar que nasceu no nordeste, e de sua venda feitas por dona Maria da Silva nas feiras de Palmas, na história da migração da professora Luiza Camelo que sempre teve vontade de morar na região que hoje é o Tocantins, nos arraias feitos por Maria das Neves, ou nos cordéis de Carnevaldo Leal. São inúmeros os elementos que ligam cada personagem com sua cultura de origem.

Todas essas características foram selecionadas pela mídia que construíram um contexto que se interliga no decorrer das falas de cada entrevistado isso é perceptível em ambas as matérias de 2018 e 2019.

A folkmídia transformou o fato “Dia do Nordestino” em uma reportagem que se trata do migrante nordestino que vive na capital do Tocantins por amor a cidade, mas também afirma que os personagens tem imenso afeto pelos seus locais de origem, é agregando um valor, a manifestações, ou ações popular, reforçando sua valorização. No casos das matérias foi construindo uma relação direta entre Nordeste e Palmas, a reelaboração está presente no fato de que essa cultura sofreu uma adaptação para que acontecesse na capital, pois sua origem vem

do Nordeste, a entrevistada Neves por exemplo faz um arraial no quintal de sua casa, o que remete a uma reelaboração dessa expressão cultural.

A Folkmídia foi representada na construção do fato sobre a proposta “cultura nordestina” os personagens de origem do Nordeste contaram sobre sua história e sua vivência na cidade de Palmas, seja de forma falada como a dona Maria da Silva ou mostrada como é o caso do senhor Carnevaldo que leu um cordel falando sobre a questão Xenofobia. A mídia também selecionou elementos culturais nordestinos como imagens de apoio dos artesanatos, locais, objetos de uso, cidades, e também músicas, um fator que chamou atenção ao relacionar a reportagem de 2019 com a de 2018 é que a Repórter Marílian Randam é nordestina, e por várias vezes afirma essa identidade se mostra como conhecedora da tradição que apresenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a análise das matérias da TV Anhanguera referentes ao Dia do Nordeste, foi possível compreender que a mídia local se apropria dos elementos culturais da região nordeste, por meio da apresentação de personagens que migraram para a cidade de Palmas.

Essa apropriação feita pelo meio de comunicação de massa denominada de Folkmídia, (elementos culturais apoderados pela mídia) como já foi citado anteriormente no decorrer dos capítulos é por meio dos estudos da Folkcomunicação que é a teoria da comunicação que se aborda a cultura marginalizada, a área é importante para o jornalismo pois ela além de valorizar os discursos populares, os interpreta e transmite aos demais públicos. O jornalista atua como pesquisador se adentrando no espaço cultural com o objetivo de interpretá-lo, e isso acontece por meio de análises que é feita com quem vivencia e manifesta sua cultura identitária.

Ser um pesquisador dos elementos regionais da cultura nordestina é vivenciar, mesmo que por um pequeno momento, essas expressões populares, sejam elas reconhecidas nacionalmente ou de caráter pouco conhecido, as representações populares recebem valor e reconhecimento com os estudos da Folkcomunicação. O Nordeste é um lugar com diversos costumes, crenças e histórias, isso facilita para a mídia optar por retratar a história do seu povo com o contexto “migração para Palmas”, abordando a reelaboração dos elementos culturais. A emissora enriqueceu a matéria com imagens de apoio que representam a cultura popular nordestina, esses elementos foram essenciais para exemplificar a intenção cultural de cada personagem entrevistado.

A reportagem apresentou aspectos culturais do Nordeste, tendo destaque entre os dois anos a matéria de 2019, que além de ter um conteúdo maior, também possui mais personagens, e mais imagens de apoio, apresenta o contexto histórico regional, e as sonoras dos personagens tem uma ligação (gancho) mais exata, indo e voltando em alguns entrevistados.

Os elementos que identificam a identidade do nordeste são inúmeros: Comidas, vestimentas, músicas, artesanatos, festividade etc, eles reafirmam o pertencimento de cada personagem com a região. Em entrevista, os personagens explicam o seu contexto de vida e sua cidade de origem, eles também evidenciam por meio de adjetivos sua opinião de como é o cidadão nordestino. Mas o relato que associa os nordestinos à própria construção da cidade, à sua história, fica marcado como original. Embora muitos nordestinos tenham chegado à capital depois de sua construção.

A folkmídia aborda um tema, que se refere a uma cultura brasileira reconhecida por muitos porém muitas vezes de forma superficial, apenas as pessoas que as viveram ou vivem são capazes de explicá-la com propriedade, por esse fato a mídia local palmense procurou por personagens que pudessem descrever sua identidade e o que para eles é ser nordestino, disseminando a identidade cultural aos telespectadores do jornalismo da globo. Mostrar a cultura popular nordestina é uma apropriação que a mídia faz dos sentidos presentes na figura do nordestino em Palmas, referindo também ao imaginário de como ser um migrante nordestino em Palmas, a cidade que é lembrada na chamada da matéria como um pedacinho do Nordeste, o que no meu entender é uma maneira de dizer que a cidade é um lugar acolhedor que recebeu pessoas de uma região acolhedora. Tudo isso reforça o nordestino e aspectos da cultura nordestina como elementos presentes na história e identidade da capital tocantinense.

Na matéria de 2019, a Jornalista Marilian Randam aparece com propriedade em relação ao conhecimento regional, isso fica evidente nos primeiros segundos quando a repórter fala sobre o contexto histórico e cultural do Nordeste (exploração da cana de açúcar no período colonial brasileiro), a repórter se mostra próxima pertencente a cultura em diversos momentos da matéria como ao tomar o caldo de cana, ao afirmar ser nordestina migrante, e também ao mostrar relação de carisma com os entrevistados.

Os elementos da matéria de 2019 são mais elaborados, como as imagens de lugares da região Nordeste o que não aparece na reportagem do ano anterior, a matéria também contou com duas passagens uma em uma feira da capital (Que também se assemelham as que tem no Nordeste) e outra em um monumento da praça dos girassóis (Que se refere a migração), enquanto a matéria de 2018 não possui nenhuma passagem, apenas offs do jornalista e entrevistas.

A matéria de 2018 não se difere a de 2019 no sentido de contextualizar a migração pois também foi feita com apresentação de personagens e um breve histórico deles.

Podemos categorizar a matéria em três importantes aspectos que constituem as categorias analisadas na pesquisa, sendo eles: “A Identidade Nordestina” que aparece por meio das representações e seus personagens que migraram para Palmas e aqui residem mantendo viva a tradição. A Categoria “Reelaboração Cultural” que acontece a partir do momento que os nordestinos trazem sua cultura para Palmas a evidenciam de uma nova maneira, construindo uma identidade na cidade, o que vimos em inúmeros momentos em ambas as reportagens, como por exemplo na primeira matéria em que o Restaurante Nordestino da capital criou pratos unindo inúmeras comidas tradicionais da região nordestina, também podemos exemplificar a casa do nordestino em Palmas que aparece nas duas matérias porém de forma evidente na

primeira, o ambiente que de acordo com a criadora Maria das Neves é ponto de encontro entre várias culturas.

A última categoria é a “Cultura de Palmas”, mas que foi pouco apresentada nas reportagens o que é justificável pelo dado factual da do nordestino, isso mostra também que a cultura palmense está em construção e talvez seja difícil relacionar os intercâmbios culturais que estão se formando, porém é evidente que a representação nordestina é muito forte na capital como podemos ver nos capítulo teórico “A Cultura Nordestina e sua influência na construção da identidade palmanense”, a migração para a capital criou a ligação entre Palmas e Nordeste, e a comunicação entre essas duas culturas, ajudam na construção de uma identidade palmense, assim como aconteceu no passado em que o nordeste foi influenciado por outras culturas para construir a sua.

Ao concluir esse trabalho pude perceber o valor cultural nordestino para a cidade de Palmas. Os populares são parte dessa disseminação cultural, que se reelabora no cerrado tocantinense, seja no comércio local, nas manifestações as festividades na casa do nordestino ou mesmo no evento Arraia da Capital, todas essas reelaborações podem ser apropriadas pela mídia assim como foi observado nesse trabalho que revelou também a importância dessas manifestações tanto para os indivíduos quanto para a distribuição do veículo de comunicação (TV Anhanguera), o que significa que os meios de comunicação de massa estão mais próximos desses fatos trazendo novos significados, fortalecendo a identidade cultural desse povo resiliente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Assunção Bião. ALVES, Poliana Ribeiro. SOUTO, Mirela Alves. COIMBRA, Ana Luisa de Castro. RAMOS, Karen Vieira. Um Recorte Cultural do Nordeste: O Caso da Festa do Carmo. **V ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19376.pdf>> Acesso em: 05 set. 2019.

ARRUDA, Luzia da Silva, GUSHIKEN, Yuji. Folkcomunicação e decolonialidade. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 13, n. 29, maio/agosto 2015. Ponta Grossa, PR: Agência de Jornalismo da UEPG, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/issue/view/136>>. Acesso em: 11 de nov. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo - Edições 70, 2011.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

Dia do Nordeste é comemorado em Palmas nesta segunda-feira (8). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7078032/>> Acesso em: 08 de out. 2019.

Dia do Nordeste é marcado por atividades culturais e alimentos regionais. Disponível em: <<https://mail.google.com/mail/u/0/#search/veronica%40mail.uft.edu.br/FMfcgxwDrcBVzSwhQFTbrNwMJFPxdsNr>>. Acesso em: 08 out. 2019.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora UNESP Fundação, 1990.

MINAYO, Maria. DERLANDES, Suely Ferreira. NETO, Otavio Cruz. GOMES, Romeu. Cecília de Sousa. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREITAS, Bianca Gonçalves; Análise de Conteúdo: uma metodologia para o estudo da Folkmídia. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2869-1.pdf>> Acesso em: 02 de setembro de 2019.

G1 TO. **TV Anhanguera completa 20 anos de concessão em Palmas**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2015/09/tv-anhanguera-completa-20-anos-de-concessao-em-palmas.html>>. Acesso em: 12 out. 2019.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Os folhetos nordestinos: literatura e história**. XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, RN, 22 a 25 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364409434_ARQUIVO_Textocompleto paraenviar.pdf> Acesso em: 17 de novembro de 2019.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. 6 ed. Rio de Janeiro, RJ, Paz e Terra, 1997.

JARDIM, Elâine Nolêto. TESKE, Wolfgang. **Festas Juninas de Palmas-TO: análise folkmediática das reportagens do Jornal Anhanguera 1ª edição**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, SC, 2 a 8 de setembro de 2018 Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/lista_area_IJ-DT6.htm> Acesso em: 04 set. 2019.

LELIS, Sarmento. **Dossiê Iphan 14: Frevo**. DF: Iphan, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DossieIphan14_Frevo_web.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2019.

LETRAS. Disponível em:<<https://www.letras.mus.br/tom-ze/capitais-e-tais/>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

MELO, Marques. **Folkcomunicação na era Digital: A comunicação dos marginalizados invade a aldeia global**. V Bienal Iberoamericana de Comunicación. México, Campus Estado de México do Instituto Tecnológico de Monterrey, 19 e 22 de setembro de 2005. Disponível em: <http://razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/magis/Marques_demelo2.pdf>. Acesso em: 17 set. :2019.

MENESES, Veronica Dantas; RIBEIRO; Carla Josyanne Schultes **"Reelaboração e Invenção nas quadrilhas Juninas no Tocantins**. RIF, Ponta Grossa/PR Volume 13, Número 30, p.116-134, dezembro 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/issue/view/137>>. Acesso em: 13 ago. 2019

MESSINA, Ágata. DUQUE, Helena. KAZ, Leonel. BRAGA, Regina Stela, MENDES, Álvaro. **Folkcomunicação: a mídia dos excluídos**. Volume 17, Série de Estudos, Rio de Janeiro, Prefeitura do Rio de Janeiro, 2007.

NATAL, Jéssica dos Santos. CARVALHO, Vitor Cassiano. WOITOWICZ, Karina Janz. **Jornalismo Cultural e Folkcomunicação: A Presença do Elemento Religiosidade no Site Cultura Plural**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Joinville - SC – 04 a 06/06/2015 Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-1472-1.pdf>> Acesso em: 02 out. 2019.

PERES, José Augusto de Sousa. WANDERLEY, José Carlos Vieira. CORREIA, Lindoya Martins. HOLANDA, Maria Melo Peres. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**, 3 ed. revista e ampliada, São Paulo S.A, 2011.

RAMOS, Bruna. **Saiba de onde vem a quadrilha, dança típica das festas juninas**. Portal EBC, 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/2013/06/saiba-de-onde-vem-a-quadrilha-danca-tipica-das-festas-juninas>>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

SCHMIDT, Cristina. **A prática cidadã da folkcomunicação no cenário cultural**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB, 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1524-1.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

Secretária do Turismo do Estado do Tocantins. **Monumento de Súplica dos Pioneiros**. Disponível em: <<https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/serras-e-lago-/principais-atrativos/palmas/praca-dos-girassois/monumento-de-suplica-dos-pioneiros/>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998.

SILVA, Maria Bezera. FILHO, Severino Alves de Lucena. **A festa junina de roupa nova**: uma análise dos figurinos das quadrilhas estilizadas sob o olhar da folkcomunicação. RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 11, Número 23, p. 30-43, mai/ago. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1625/1150>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

TEIXEIRA, Luís Fernando Cruvinel. **Dossiê cidades planejadas na hinterlândia**: a formação de Palmas. Revista UFG, ano XI, n. 6, jun. 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/thiag/Downloads/48234-Texto%20do%20artigo-202011-1-10-20170731.pdf>>. Acesso em 07 ago. 2019.

TESKE, Wolfgang. **A Roda de São Gonçalo da Lagoa da Pedra em Arraias (TO)**. Palmas – TO, Kelps, 2009.

TESKE, Wolfgang. Teoria da Folkcomunicação: da origem aos processos folkmediáticos. In: MARQUES DE MELO; José; FERNANDES, Guilherme Moreira. **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013, p. 673-691.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Quando a televisão vira outra coisa: as estratégias de apropriação dos mediadores ativistas nas redes de comunicação cotidianas do local**. BOCC, Universidade da Beira Interior, 2004, Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-televisao-outra-coisa.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. BOCC, Universidade da Beira Interior, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & Ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/536>>. Acesso em: 22 de outubro de 2019

WOITOWICZ, Karina Janz. **Contribuições da folkcomunicação para o jornalismo cultural**: Conteúdos jornalísticos sobre patrimônio no site Cultura Plural. XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE. Disponível em:

<<http://anaisfolkcom.redefolkcom.org/index.php/folkcom/article/view/54>> Acesso em: 03 nov. 2019.

ZAMITH, Maria Zamith. **A Dança da quadrilha na cidade do Rio de Janeiro: Sua importância na sociedade oitocentista.** Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 113-132, 2007. Disponível em: <<http://www.tecap.uerj.br/pdf/v4/zamith.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2019